



Somos todos médiums

Carlos A. Baccelli
Odilon Fernandes

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

SOMOS TODOS MÉDIUNS

CARLOS A. BACCELLI
ODILON FERNANDES

Av. Cel. Joaquim de Oliveira Prata, 668

38022-290 - Fone/Fax: (0xx34) 3336-6588 - Uberaba, MG

E-mail: edvitoria@mednet.com.br

FICHA CATALOGRÁFICA

Fernandes, Odilon (Espírito).

Somos Todos Médiuns / [pelo espírito] Odilon Fernandes; [psicografado por] Carlos A. Baccelli, -
Votuporanga, SP: Casa Editora Espírita "Pierre-Paul Didier", 1993

ISBN 85-86423-12-2

1. Espiritismo. 2. Psicografia

I Baccelli, Carlos Antônio. II. Título

CDD-133.93

SUMARIO

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

SUMÁRIO

SOMOS TODOS MÉDIUNS	07
1. DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO	09
2. REQUISITO INDISPENSÁVEL	12
3. VONTADE FIRME	15
4. SER OU NÃO SER MÉDIUM	18
5. SOMOS TODOS MÉDIUNS	22
6. GUIAS E MÉDIUNS EXPERIMENTADOS	25
7. PSICOGRAFIA	29
8. O MÉDIUM E OS BONS ESPÍRITOS	33
9. MÉDIUNS IMPRODUTIVOS	36
10. EXERCÍCIOS MEDIÚNICOS	39
11. OBSTÁCULOS INICIAIS	43
12. TEORIA E PRÁTICA	47
13. NÍVEIS DE SINTONIA	50
14. MEDIUNIDADEE DÚVIDA	54
15. DISCRIÇÃO MEDIÚNICA	58
16. MÉDIUNS ADOLESCENTES	61
17. MÉDIUNS DOENTES	65
18. ESPELHO MENTAL	69
19. PENSAMENTO E PALAVRA	73
20. TALENTOS TPvANSCEDENTES	77
21. AS QUALIDADES DO MÉDIUM	81
22. NA FALTA DE OUTRO MÉDIUM	85
23. MÉDIUM PASSISTA	89
24. SEGURANÇA MEDIÚNICA	93
25. SINTONIA DESCONTÍNUA	97
26. A MISSÃO DA MEDIUNIDADE	101
27. RIVALIDADES	105
28. OUTRAS CONSIDERAÇÕES	108
29. MULTO A FAZER	112
30. AUTOCRÍTICA	116

SOMOS TODOS MÉDIUNS

Este livro, escrito em linguagem simples e objetiva, destina-se aos irmãos que estejam iniciando o seu desenvolvimento mediúnico nas bênçãos da Doutrina Espírita.

Conforme os anteriores de nossa lavra (*), baseando-nos em textos de "O Livro dos Médiuns", organizamos os capítulos desta obra com a única preocupação de permutarmos experiências com os nossos companheiros de ideal, na certeza de que, encarnados e desencarnados, somos todos médiuns diante da Vida, a caminho de mais amplas conquistas espirituais sob a égide do Evangelho de Jesus, o Excelso Médium de Deus.

ODILON FERNANDES

Uberaba - MG, 22 de julho de 1993.

(*) "Mediunidade e Doutrina", "Mediunidade e Caminho " e "Mediunidade e Evangelho", IDE, ARARAS, SP.

1) DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

"Para que um espírito possa se comunicar, é necessário, entre ele e o médium, relacionamento fluídico que não se estabelece sempre instantaneamente; não é senão à medida que a faculdade se desenvolve que o médium adquire, pouco a pouco, a aptidão necessária para entrar em relação com o primeiro espírito que chegue". ("O Livro dos Médiuns", Segunda Parte, Cap. XVII, Item 203, Edição IDE)

O desenvolvimento da mediunidade é lento e progressivo. Não basta que o médium entre em contato com os espíritos, para que se considere médium desenvolvido.

Como todas as faculdades humanas, a mediunidade requer tempo para aperfeiçoar-se.

Diríamos que o médium desencarna e não consegue completar o seu desenvolvimento mediúnico, visto que a mediunidade é um sentido que permanece em evolução no espírito além da morte.

A grande maioria dos medianeiros espíritas da atualidade estão simplesmente colhendo experiências para tarefas futuras, que serão chamados a cumprir.

Qual acontece entre dois ou mais amigos, a "intimidade mediúnica" entre os espíritos comunicantes e o médium de que se utilizam é construída paulatinamente. Mesmo que haja prévio conhecimento em vidas passadas, a afinidade entre o espírito e o médium carece de tempo para restabelecer-se a nível de consciência.

Os espíritos necessitam saber até onde podem confiar no medianeiro, e vice-versa. E isto, porque muitos companheiros da mediunidade recuam ante o serviço que os espera.

E natural, portanto, que os primeiros comunicados de um espírito por determinado médium deixem a desejar. E natural que somente com o tempo o médium vá se identificando melhor com o espírito ou com os espíritos que tencionam valer-se de suas faculdades.

Muitos espíritos, quando se apresentam aos médiuns, não revelam a própria identidade, preferindo permanecer no anonimato. Não raro, apenas no Mundo Espiritual os medianeiros saberão de sua ligação afetiva com os espíritos com os quais trabalham.

De maneira geral, os espíritos que se aproximam de um médium para uma tarefa significativa têm com ele compromissos de outras vidas, e esses compromissos são cármicos, ou seja, exigem reparação.

Por outro lado, se o médium entra, periodicamente, em contato com espíritos de reconhecida idoneidade espiritual, isto não quer dizer que esses Espíritos Benfeitores estejam sempre ao seu lado... Os Espíritos Superiores podem fazer-se representar, junto dos médiuns, através de outros Mensageiros que lhes tomam o nome.

O médium em desenvolvimento carece de despreocupar-se totalmente com o nome do espírito que esteja a manifestar-se por seu intermédio. Com o tempo, se considerar útil, o espírito haverá de identificar-se, de forma total ou parcial.

Muitos medianeiros, excessivamente preocupados com o nome dos espíritos que se expressam através deles, caem no ridículo, porque se expõem mais facilmente aos espíritos que dão mais valor ao rótulo que ao conteúdo.

Portanto, de início, seja no exercício desta ou daquela mediunidade, que o médium se preocupe em afinar o seu instrumento mediúnico para que os espíritos, sejam eles quais forem, possam manifestar-se com proveito.

A identidade do espírito, embora importante, é de importância relativa no que tange ao nome, de vez que essencialmente o espírito se revela pelo teor do seu pensamento, como a árvore que se identifica através dos frutos que produz.

Se o candidato ao desenvolvimento da própria mediunidade não tiver calma e perseverança, dificilmente a sua mediunidade será produtiva; ela aparecerá, ensaiará os primeiros resultados e "desaparecerá" em seguida, porque o próprio medianeiro não se interessou em cultivá-la, esquecendo-se de que tudo pede tempo para firmar-se...

Que os médiuns improdutivos não se queixem de suas faculdades ou dos espíritos que as utilizam; queixem-se de si mesmos, porque todo médium bem intencionado que persiste no exercício mediúnico acabará por atrair a simpatia dos espíritos em condições de dar-lhe as alegrias que almeja.

2) REQUISITO INDISPENSÁVEL

"Não há aqui fórmula sacramental; quem pretender oferecer uma, pode ousadamente ser tachado de charlatanice, porque, para os espíritos, a fórmula não é nada". (Cap. XVII, Segunda Parte, Item 203)

No desenvolvimento da mediunidade, não existem fórmulas e mistérios; se algum requisito é indispensável, este é o do estudo, aliado ao desejo perseverante de servir.

A mediunidade é um sentido que aflora naturalmente, como resultado da situação evolutiva do indivíduo. É qual a semente que não consegue furtar-se ao instante da germinação.

Quando surgem, os primeiros sintomas da mediunidade podem trazer algum desconforto, tanto físico quanto espiritual. É comum que, de início, muitos sensitivos procurem o médico, crendo-se vítimas de distúrbios orgânicos e emotivos, como palpitação, perturbações visuais e auditivas, pesadelos, angústias inexplicáveis...

É sempre de bom alvitre que o médico seja consultado, porque não podemos tudo levar à conta de mediunidade, mas, afastada a hipótese de qualquer comprometimento real da saúde, convém procurar um centro espírita, para o reequilíbrio das forças psíquicas.

Uma vez diagnosticada, a mediunidade necessita então de cuidados específicos, ou melhor, o médium reclama cuidados especiais.

Antes de ser chamado a fazer parte de algum trabalho mediúnico ou de ser orientado - no caso da psicografia - a exercitar-se em casa, o médium precisa submeter-se a um, digamos, tratamento de passes, frequentando as reuniões de estudos doutrinários no centro espírita, bem como estagiando em tarefa semanal de auxílio aos necessitados.

Não é necessário que o médium tenha pressa em engajar-se numa mesa de sessões, nem que o dirigente espírita se precipite, ao fazê-lo.

Quando o mediano, depois de dois ou três meses, estiver mais confiante e exercendo melhor o autocontrole, então poderá avançar mais um passo... Poderá, por exemplo, começar a integrar-se numa equipe de médiuns passistas, lendo pequenos trechos do "Evangelho", proferindo orações, servindo água fluidificada, tomando conta da porta da cabina, até que, num estágio seguinte, após mais dois ou três meses, comece a transmitir passes, desde que devidamente orientado para tanto.

Havendo vaga no grupo mediúnico, mostrando-se integrado e responsável, o médium poderá ser agora chamado a frequentá-lo, ainda permanecendo, todavia, fora da mesa dos médiuns que já se encontram em atividade.

Vejam que a prudência é fator indispensável à segurança do médium em desenvolvimento e do grupo ao qual se vinculará.

Quando, depois de mais algum tempo, o candidato ao serviço mediúnico demonstrar-se preparado, sob o amparo dos Benfeitores Espirituais que orientam os grupos sérios, ele poderá, então, começar a trabalhar como médium, convicto de que semelhante estrada deve ser percorrida passo a passo e não afoitamente, sob pena de quedas lamentáveis.

Queremos esclarecer aos nossos leitores que o nosso parecer acima não constitui uma regra. Longe de nós traçarmos fórmulas para o desenvolvimento da mediunidade. A nossa contribuição é apenas no sentido de proteger-se o mediano e o grupo mediúnico da inexperiência e da invigilância de que se prevalecem os espíritos interessados em espalhar a perturbação.

Começando a trabalhar, o médium deverá saber que os espíritos que inicialmente cooperarão com ele quase sempre são espíritos "preparadores", de condição evolutiva comum, que adestrarão as suas faculdades. As vezes, são espíritos familiares com o compromisso de encaminhá-lo na Doutrina ou até mesmo obsessores que aspiram a redimir-se... Por isto, o médium em desenvolvimento não pode prescindir da experiência dos companheiros mais antigos, analisando com eles as mensagens que fluem por seu intermédio, sem que isto lhes seja motivo de melindre ou aborrecimento.

Se o médium aborrecer-se ou melindrar-se com as observações que lhe forem feitas, ele nada mais fará do que provar uma vez mais que a mediunidade em si não confere a ninguém nenhuma espécie de supremacia moral e que o médium não passa de uma pessoa com as mesmas lutas de qualquer pessoa sobre a face da Terra.

3) VONTADE FIRME

"Coisas ainda mais importantes do que o modo de chamar são a calma e o recolhimento unidos a um desejo ardente e à firme vontade de ser bem sucedido; e por vontade não entendemos aqui uma vontade efêmera que atua por intervalos e que a cada minuto se interrompe por outras preocupações; mas uniu vontade séria, perseverante, contínua, sem impaciência nem desejo febril". (Cap. XVII, Segunda Parte, Item 204)

Quase sempre, no princípio de seu desenvolvimento mediúnico, o médium se entusiasma, chegando a crer-se um missionário do Plano Espiritual corporificado na Terra.

Esse entusiasmo, de certa maneira, é necessário para que o medianeiro se anime a trabalhar e a aprimorar os seus dons medianímicos.

Entretanto tudo o que é excessivo é contraproducente. .. O médium deve saber que, entre o serviço mediúnico comum a todos os médiuns e o chamado mandato mediúnico, a distância é imensa.

Raros são os amigos da mediunidade que renascem com missão específica no campo da mediunidade; desses raros, raríssimos são os que conseguem corresponder às expectativas dos Espíritos Superiores, dando cabal cumprimento à sua tarefa.

Quando o médium iniciante, passados aqueles naturais momentos de deslumbramento, percebe que a sua mediunidade caiu numa espécie de rotina, onde os resultados observados são lentos, a sua tendência é a de entregar-se ao desânimo...

Este é o instante de perseverar e manter a vontade firme.

Se as conquistas materiais demandam tempo, não poderia ser diferente com as conquistas espirituais. Sem dificuldades e obstáculos, não haveria mérito!

Depois daquele impulso inicial, a mediunidade pode entrar numa espécie de marasmo, com o médium acreditando que as suas faculdades estacionaram... Este período pode ser de duração mais ou menos longa, e é uma prova para o médium.

O artista que concebe um quadro às vezes gasta muito mais tempo nos retoques do que propriamente na produção da tela...

Arrancar o mármore bruto do berço da Natureza não é tarefa difícil... Difícil é cinzelá-lo, dando-lhe a forma que se deseja.

A eclosão da mediunidade acontece rapidamente; o seu desenvolvimento posterior, com a necessária educação do médium, é obra de paciência.

Muitos médiuns promissores anulam-se a si mesmos, porque tudo querem obter às pressas.

Diríamos, portanto, que a mediunidade em si atravessa três fases: a fase em que aparece e se manifesta no médium, a fase em que se desenvolve e a fase produtiva.

Na fase de desenvolvimento, o médium deve aproveitar para "equipar-se" com todos os recursos ao seu alcance, a fim de que os espíritos o encontrem apto na fase produtiva.

Por fase produtiva entendemos aquela em que o medianeiro, mais seguro de sua própria mediunidade, não vacila, servindo de intérprete aos espíritos, seja através de comunicados esclarecedores ou de mensagens que retratem a situação de sofrimento de seus autores. De todos esses comunicados e mensagens, sempre ser-nos-á possível algo aprendermos sobre a Vida e as Leis que a regem.

A fase que denominamos de desenvolvimento pode requerer muitos anos; depende do grau de aplicação do médium, de sua dedicação, de seu amor ao trabalho, de sua disciplina, de sua perseverança...

Essa fase de desenvolvimento poderá ser encurtada, se os Espíritos Superiores perceberem a boa intenção do médium. Então, haverão de aproximar-se dele, secundarão os seus esforços, trabalharão com ele no Plano Espiritual, em seus naturais instantes de desprendimento pelo sono, adestrarão, enfim, de forma intensiva as suas faculdades.

Como nos diz Allan Kardec, a impaciência e o desejo febril revelam a imaturidade do médium e o seu despreparo para a tarefa.

Não nos esqueçamos ainda de que o médium que se afasta da mediunidade para retomá-la depois, afasta-se novamente e volta a retomá-la mais tarde, nunca conseguirá ser um médium produtivo e chegará à Outra Vida frustrado, lamentando a sua falta de responsabilidade e o desprezo dos talentos que o Senhor lhe concedeu.

4) SER OU NÃO SER MÉDIUM

"... mas deve-se notar que, quando colocada aos Espíritos a questão de saber se se é ou não médium, eles respondem, quase sempre, afirmativamente..." (Cap. XVII, Segunda Parte, Item 205)

Sendo a mediunidade um sentido natural, é evidente que todos somos médiuns, e o seremos cada vez mais.

Por enquanto, esse sentido novo que se manifesta no homem, de forma mais ostensiva de alguns séculos para cá, encontra-se engatinhando, apesar de estar se elaborando há milénios.

Qual os outros sentidos que foram se formando através das sábias Leis da Natureza, passando por incríveis processos de experimentação, a mediunidade, um dia, será um sentido tão perfeito quanto o do tato ou o da visão.

Chegará o tempo em que a mediunidade será no homem uma espécie de antena parabólica em constante funcionamento. A telepatia, então, será o meio natural de comunicação entre os homens na Terra e os habitantes das muitas moradas da Casa do Pai...

Porque todos serão médiuns, os médiuns deixarão de ser pessoas diferenciadas pelas faculdades de que sejam portadores. Assim como todos enxergam e todos ouvem, todos haverão de comunicar-se uns com os outros, encarnados e desencarnados, sem necessidade de intermediários estranhos.

Mas estamos falando de uma época ainda muito distante...

Quando os Espíritos, consultados a respeito, afirmam que todos são médiuns, é claro que eles estão se referindo à mediunidade potencial de que todos somos portadores. É como indagar-se de um médico se todos os homens têm a capacidade de reprodução...

No entanto, como a mediunidade se manifesta em cada um em determinado "instante evolutivo", lógico concluir que em muitos ela haverá de manifestar-se em futuras existências ou até mesmo em outras dimensões espirituais da Vida; sim, porque existem espíritos nos quais a mediunidade começa a manifestar-se no Plano Espiritual...

Aqui, na região espiritual que povoamos, a vida continua sem maiores alterações. Por exemplo: existem centros espíritas e núcleos de avançada espiritualidade, vinculados a outros credos religiosos, onde os médiuns atuam como atuam no mundo... Há estudos especializados da mediunidade, encontros ecuménicos em torno do assunto e, periodicamente, recebemos visitas de companheiros domiciliados em regiões superiores que, "materializando-se" entre nós, demoram-se em interessantes preleções. Esses companheiros aos quais nos referimos permanecem dias conosco, à semelhança do Cristo, que, segundo relato das Escrituras, após a morte esteve com os discípulos por quarenta dias consecutivos antes de ascender aos Paramos da Luz.

E evidente que, enquanto esses amigos do Mais Alto permanecem em "materialização" temporária conosco, os médiuns que lhes doam os fluidos necessários à sublimada corporificação revezam-se no transe indispensável. Pedimo-lhes escusas por não abordarmos detalhes do fenómeno a que nos referimos, porque, com certeza, isso seria motivo de infundáveis polémicas entre os confrades.

Com base no exposto, quando um espírito disser que alguém seja médium, deve esse mesmo alguém dialogar com amigos mais experimentados no campo da mediunidade, efetuando uma avaliação de suas possibilidades psíquicas.

Questionar-se-ia se uma pessoa comum, poderia, digamos, "forçar" o desenvolvimento de sua mediunidade. Respondemos afirmativamente, embora não aconselhemos semelhante medida.

Respondemos afirmativamente, porque a mediunidade é também um dom passível de ser desenvolvido, assim como alguém que, interessando-se em ser musicista, pode exercitar-se no instrumento de sua predileção. Mas não podemos negar que existe enorme diferença entre o que apresenta aptidão natural para a música e aquele que se esforça para tanto.

O fruto que amadurece na árvore que o produz tem um sabor diferente do que o que amadurece na estufa!

E que a mediunidade que desponta natural no médium foi "trabalhada" por determinados fatores, quais aqueles que trabalham o carvão no subsolo e o transformam em diamante.

A capacidade mediúnica é conquista do espírito, independente de sua vontade, mas o seu aproveitamento depende de sua condição moral. Por este ângulo, a mediunidade para o médium será causa de progresso espiritual ou de carmas negativos para o futuro.

5) SOMOS TODOS MÉDIUNS

***"Pode-se, pois, ser médium sem o perceber e num sentido que não é aquele que se pensa".
(Cap. XVII, Segunda Parte, Item 205)***

Quem é médium o é sempre, e não apenas no instante em que o fenómeno está acontecendo, embora seja no exato momento do transe que a mediunidade alcança o seu ápice.

A mediunidade pode ser observada ostensivamente, quando, por exemplo, o médium incorpora, psicografa, transmite o passe, libera ectoplasma, pinta sob a influência dos espíritos... Entretanto, a mediunidade, no cotidiano, manifesta-se discretamente, ao ponto de o próprio médium não perceber que esteja agindo como instrumento.

Difícilmente o médium precisará com nitidez quando estará sendo intuído ou inspirado a dizer palavras ou tomar atitudes que mudem o rumo dos acontecimentos dos quais participe.

Citemos um fato corriqueiro como exemplo. Numa simples conversação, o médium poderá dizer uma palavra que clareie as decisões que o seu interlocutor tenha que tomar. Imaginemos um médico indeciso sobre o diagnóstico de um paciente... Em conversa com um médium, às vezes completamente alheio ao caso, os espíritos poderão inspirar o sensitivo no sentido de que a mente do médico se abra para o diagnóstico preciso, salvando vidas e evitando cirurgias de risco já programadas.

Quem procura a sintonia com o Mais Alto através da oração e do dever retamente cumprido será sempre uma antena captando mensagens de elevado teor e retransmitindo-as através da palavra, imperceptivelmente.

A mediunidade ostensiva e declarada não é a única maneira de exercer-se a mediunidade.

A mãe é médium quando antecipa-se com seus conselhos aos problemas do filho; o pai é médium quando poupa recursos que presente necessários no futuro; o filho é médium quando protege os pais do perigo de uma queda dentro de casa; o amigo é médium quando alerta alguém acerca da necessária revisão nos freios do automóvel, antes da viagem prevista; o vizinho é médium quando se refere a uma árvore prestes a desabar no quintal ao lado...

Há quem imagine que o seu compromisso com a mediunidade seja apenas naquele dia determinado e naqueles poucos minutos semanais em que passa ao redor de uma mesa de sessões.

Não terão sido médiuns Einstein, Thomas Edison, Pasteur, Gandhi, Florence Nightingale e tantos outros génios e benfeitores da Humanidade?!

Não será médium o pastor anónimo e bem intencionado que prepara o seu sermão para a comunidade dos fiéis?!

Não será médium o legislador que se debruça sobre as leis dos homens, estudando um meio de adequá-las às Leis de Deus?!

Não será médium o cientista que no silêncio dos laboratórios pesquisa, por exemplo, a cura da AIDS?!

Não será médium o professor que atina com o problema emocional que angustia um de seus alunos, interferindo negativamente em seu aproveitamento escolar?!

Não será médium o lavrador que presente a hora de lançar a semente ao solo para a sonhada colheita?!...

De fato, o homem é portador de livre-arbítrio e a decisão final em suas atitudes sempre lhe cabe, entretanto não deve ignorar que o Mundo Espiritual e o Mundo Físico se interpenetram e interagem e que a comunidade dos espíritos desencarnados faz parte da comunidade dos encarnados, onde continua tendo interesses comuns aos homens.

Não exageraríamos se dissessemos que tudo é mediunidade, tanto na Terra quanto nos Céus!

O Pensamento Divino, até chegar ao homem, passa, por assim dizer, por dezenas de cérebros... Para que esse Pensamento chegasse a nós sem distorções é que Jesus corporificou-se no planeta e trouxe-nos o Verbo Divino que identificava-se plenamente com a sua Palavra.

Anteriormente, os profetas, médiuns portadores da Palavra de Deus, sujeitaram-na à cultura social e religiosa a que pertenciam, regionalizando o que era universal.

Por isto, em essência, o Espiritismo identifica-se com todas as religiões e filosofias que vão desde as ramificações do Cristianismo às que pregam a reencarnação, a lei do carma e a comunicação com os chamados mortos. Tendo sido codificada na França, a Doutrina Espírita é universal, porque a Verdade, em todos os idiomas, é sempre a mesma em toda parte.

6) GUIAS E MÉDIUNS EXPERIMENTADOS

"O concurso de um guia experimentado, de outra parte, é algumas vezes muito útil para fazer observar ao iniciante uma porção de pequenas precauções que, frequentemente, negligencia, em detrimento da rapidez do progresso..." (Cap. XVII, Segunda Parte, Item 206)

Experiência é algo que não se adquire de improviso. Em qualquer setor de atividade, a experiência é fruto de erros e acertos.

Médium experimentado é aquele que já colheu dissabores e alegrias, ao longo de sua trajetória mediúnica; é aquele que conhece porque vivenciou e vivenciou porque não desanimou diante dos próprios equívocos.

É natural que o médium iniciante careça da experiência de um companheiro da mediunidade que esteja militando há mais tempo na seara.

O médium principiante que imagina prescindir da experiência de outro mais vivido, só porque talvez falte a esse maior cultura, revela a sua falta de humildade e, certamente, para servirmo-nos de imagem popular, haverá de dar muitas cabeçadas.

Consideramos de bom alvitre que, periodicamente, os médiuns de uma casa espírita se reúnam e permutem ideias, com cada qual falando de suas experiências mediúnicas pessoais, desde, evidentemente, que o personalismo não se apodere de nenhum deles e esse passe a ser o elemento centralizador das opiniões.

Todo médium há que se precaver contra a vaidade, notadamente quando o grupo deposita em excesso a sua confiança nele. Não é porque "fala" com os espíritos que o médium merece tratamento melhor do que aquele que se dispensa a qualquer outro tarefeiro do centro espírita. O médium que reclamar qualquer tipo de deferência especial estará sob os tentáculos do amor-próprio e se melindrará com facilidade incrível, tornando-se presa fácil da obsessão.

Neste sentido, todas as vezes que um médium receber um comunicado em que o Mensageiro espiritual esteja a chamar a atenção das pessoas para esta ou aquela necessidade do medianeiro, seja ela material ou moral, no mínimo semelhante comunicado deve merecer análise mais cuidadosa por parte dos responsáveis pelo grupo mediúnico, porque, neste caso, quase sempre, o médium estará sendo protagonista de um processo anímico, coadjuvado evidentemente pelos espíritos perturbadores que se prevalecem de sua invigilância.

Falamos da necessidade de o médium iniciante contar com o auxílio de outro mais experiente, mas não podemos nos esquecer de que somente isto não basta. Conforme nos esclarece Kardec, no texto que acima os nossos comentários neste capítulo, o médium principiante ainda necessita contar com a simpatia e com o concurso de um "guia experimentado", ou seja, de um espírito esclarecido que se disponha a tutelá-lo no caminho da mediunidade.

Para que o médium novato conte com a presença de um "guia experimentado" ao seu lado, ele precisa demonstrar a sua boa intenção, a sua sinceridade em servir, o seu desejo de acertar, o seu amor pela Causa que abraçou, a sua persistência, a sua vontade de ser útil aos semelhantes...

Quando os Espíritos Amigos percebem o esforço de um medianeiro comum para superar as suas próprias deficiências, no sentido de cooperar na seara do bem, eles se movimentam e um deles se oferece para acompanhá-lo de mais perto.

Não raro, os espíritos que se apresentam para auxiliar os médiuns na Terra foram também médiuns em existências anteriores.

Entre as ocupações dos homens e dos espíritos, "semelhante atrai semelhante"... Um médico encarnado atrairá o concurso de um médico desencarnado. Isto é lógico e natural.

De que valeria ao médium contar com o amparo de um espírito que pouco ou nada soubesse acerca de mediunidade?! Provavelmente, ele acabaria até atrapalhando o medianeiro que se propõe proteger.

Outro fator precisamos ainda considerar: não é também porque um médium possua muitos anos de exercício da mediunidade que ele pode ser considerado médium experiente. Dependerá do seu aproveitamento, porque o tempo, para quem não o valoriza, é como se não tivesse passado... Assim falamos porque muitos médiuns que se consideram experimentados costumam ter ciúmes dos médiuns principiantes e, ao invés de incentivá-los, chegam a considerá-los rivais!

Como vemos, a mediunidade deve sempre se subordinar à moral, porque vale mais um homem de moral sem mediunidade alguma do que um outro possuidor de todas as mediunidades desenvolvidas, mas de moral duvidosa.

7) PSICOGRAFIA

"O primeiro indício de uma disposição para escrever é uma espécie de tremor no braço e na mão; pouco a pouco a mão é arrastada por w.ia impulsão que não pode dominar".
(Cap. XVII, Segunda Parte, Item 210)

Talvez pela inclinação literária das pessoas ou pela oportunidade da publicação de livros, a mediunidade psicográfica é a mais ambicionada pelos que aspiram a desenvolver as suas faculdades psíquicas.

Sem dúvida, embora não possa ser considerada mediunidade especial, aliás, como nenhuma outra o pode, pela sua própria natureza, a mediunidade psicográfica pode beneficiar um grande número de pessoas, através dos esclarecimentos que presta, permitindo que os comunicados fixados no papel sejam analisados e meditados.

Entretanto, isto não significa que se deve preferir um género de mediunidade a outro, mesmo porque em cada qual a mediunidade se manifesta de acordo com as tendências naturais do sensitivo.

Escrevendo a sua Primeira Carta aos Coríntios, assevera o Apóstolo da Gentilidade no cap. 12, vv. 4 a 10: "Ora há diversidade de dons, mas o espírito é o mesmo."

"E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo."

"E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos."

"Mas a manifestação do espírito é dada a cada um, para o que for útil." (O destaque é nosso).

"Porque a um pelo espírito é dada a palavra da sabedoria; e a outro pelo mesmo espírito a palavra da ciência;"

"E a outro, pelo mesmo espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo espírito, os dons de curar;"

"E a outro a operação de maravilhas; e a outro a profecia; e a outro o dom de discernir os espíritos; e a outro a variedade de línguas; e a outro a interpretação das línguas".

Vejamos como Paulo, há quase vinte séculos, discorreu sobre a variedade dos dons medianímicos com tanta clareza e discernimento.

Ao preferir um género de mediunidade a outro, seria interessante que o medianeiro refletisse se tal desejo não é fruto da vaidade pessoal.

Não é (repetimos o que já dissemos alhures) a mediunidade que existe em função do médium, pois este é que deve estar a serviço daquela.

Se o médium, no entanto, apresenta disposição para escrever sob o impulso dos espíritos, é necessário que ele se dedique à psicografia, consciente de que longos e exaustivos exercícios o esperam, antes que comece a receber páginas que mereçam divulgação.

Temos visto muitos médiuns psicógrafos recuarem logo aos primeiros meses de exercício, porque aguardavam resultados imediatos, como se os espíritos pudessem prescindir do seu preparo na qualidade dos comunicados que fluirão por seu intermédio.

Diversos autores encarnados escreveram e reescreveram as suas obras várias vezes, antes que fossem encaminhadas à publicação. E, mesmo depois de publicadas, relendo essas obras, os seus autores, se pudessem, haveriam de fazer retoques que lhes passaram despercebidos...

Os médiuns psicógrafos mais antigos, relendo páginas que produziram nos primeiros tempos, reconhecem facilmente que, se essas mesmas páginas fossem por eles recebidas hoje, os espíritos que as ditaram (embora certamente conservassem o teor de seu pensamento) encontrariam neles mais recursos literários para transmiti-las.

Existem autores que não gostam de compulsar os seus trabalhos iniciais, por considerá-los ingênuos.

Portanto, que o médium psicógrafo não tenha pressa em dar publicidade às mensagens que obtenha.

Consideremos ainda outro aspecto de suma importância. Se, porventura, apesar de sua dedicação e empenho, o médium psicógrafo notar, depois de alguns anos de exercício, que a sua mediunidade não apresenta a evolução desejada, não há nada demais que ele abdique da psicografia e canalize os seus recursos medianímicos para, por exemplo, a transmissão de passes, para a oratória, enfim, para uma tarefa que não lhe tome tanto tempo improficuamente.

Não adianta que alguém insista numa profissão para a qual não revela aptidão.

Mas que fique esclarecido a quantos interessar que os Espíritos Amigos jamais deixarão o mediano bem intencionado sem a assistência que lhe é devida. Poderão até não encontrar nele as condições ideais para se manifestar, mas não o deixarão à mercê dos espíritos perturbadores, que se valeriam de seus recursos limitados, para atormentá-lo.

8) O MÉDIUM E OS BONS ESPÍRITOS

"... os bons espíritos não fazem jamais nada de inútil..." (Cap. XVII, Segunda Parte, Item 210)

Os bons espíritos, aqueles que se encontram em serviço junto à Humanidade terrestre, não têm tempo a perder. Eles não são assim tão numerosos quanto se pensa e, por isto, não devemos abusar de seu tempo, como se estivessem sempre à nossa disposição.

Os médiuns precisam estar conscientes disto, para que não creiam que possam chamá-los à vontade, indisciplinados no exercício da própria mediunidade.

É certo que na Terra enxameiam espíritos, mas a imensa maioria são espíritos de condição evolutiva semelhante à dos homens e pouco têm a lhes acrescentar.

Quando os bons espíritos se aproximam de um médium, seja ele novato ou experiente, é porque pretendem desenvolver com ele um trabalho sério, um trabalho útil à coletividade.

Enganam-se os médiuns principiantes, quando imaginam que os Espíritos Superiores não têm horários a serem obedecidos em suas atividades junto aos homens, e enganam-se também, quando supõem que eles não tenham outras ocupações no Mundo Espiritual.

Espíritos de elevada hierarquia não podem estar diuturnamente ao lado dos médiuns, exercitando-os. Essa tarefa é confiada a espíritos conscientes do que fazem, mas ainda em aprendizado.

Se os médiuns desejam a companhia dos bons espíritos e o seu aval nas tarefas que executam, é evidente que carecem abraçar a mediunidade de forma responsável, doando-se em serviço aos semelhantes.

Médiuns inconstantes não devem contar com o constante desvelo dos Benfeitores da Vida Maior.

Médiuns inseguros, que não sabem o que querem ou o que fazer com a própria mediunidade, não conseguirão atrair a simpatia dos bons espíritos.

Médiuns indisciplinados e vacilantes na fé não terão o direito de reclamar o vigilante amparo dos Amigos Espirituais.

O professor não pode deixar o aluno interessado em aprender por aquele que se mostra relapso em suas obrigações.

A presença dos bons espíritos ao lado de um médium, portanto, não deve ser interpretada como um privilégio ou um merecimento; ao contrário, deve ser entendida como um acréscimo de responsabilidade e um chamamento ao dever.

Dissemos que os bons espíritos não são assim tão numerosos quanto se pensa, tendo em vista a extensão do seu trabalho sobre a Terra, já que os bons espíritos não se ocupam apenas com mediunidade. Em todos os setores da vida terrestre, eles se movimentam, no entanto a sua capacidade de influência é limitada.

Talvez alguém questione o compromisso espiritual de um médium antes de sua encarnação. De fato, existem medianeiros com os quais os bons espíritos se comprometeram antes que mergulhassem na carne, mas esses são raros. E, depois, compromisso significa trato de parte a parte; se o médium não cumpre o que lhe compete, os bons espíritos se sentem naturalmente desobrigados com eles.

Não é porque um médium tenha determinada ligação afetiva com um Espírito Superior que este se sentirá na obrigação de pajeá-lo, olvidando as suas responsabilidades de ordem coletiva.

As ligações afetivas do Cristo com Pedro eram as mesmas que, depois, Ele teve com Paulo. Aliás, isto ficou bem claro quando falou-nos que aqueles que cumprissem a Vontade de Deus é que eram sua mãe, seu pai e seus irmãos...

Se o médium não corresponder à confiança que os bons espíritos lhe depositam, estes, embora sentindo muito, haverão de deixá-lo entregue às próprias experiências, onde aprenderá, através da dor, a valorizar o talento que lhe foi entregue.

Será que os bons espíritos teriam coragem de deixar um médium entregue a si mesmo?! Teriam e têm... Um pai, por mais amor consagre ao filho, às vezes não se sente compelido a deixá-lo trilhar os caminhos que escolheu, mesmo sabendo que estes não são os melhores?!...

O sofrimento que os homens supervalorizam em sua visão estreita das coisas, para os espíritos esclarecidos não passa de acontecimento transitório, porque para eles todas as lágrimas são insignificantes diante das alegrias inalteráveis do Grande Porvir.

9) MÉDIUNS IMPRODUTIVOS

"Há médiuns cuja faculdade não pode ir além desses sinais; quando, ao cabo de alguns meses, não obtêm senão coisas insignificantes, sim ou não, ou letras sem continuidade, é inútil persistir em gastar papel em pura perda; são médiuns, mas médiuns improdutivos. "
(Cap. XVII, Segunda Parte, Item 210)

Como nos esclarece Kardec, quando trata do assunto da psicografia, existem médiuns que, apesar de serem portadores da faculdade mediúnica psicográfica, são médiuns improdutivos, porque não são capazes de obter mais que alguns rudimentos de escrita.

No entanto médiuns improdutivos encontraremos também em outros gêneros de mediunidade. Por exemplo, existem médiuns de efeitos físicos através dos quais dificilmente os espíritos produzirão além de singelas manifestações. Liberando pequena quantidade de ectoplasma, esses medianeiros apenas conseguirão que fenômenos esporádicos aconteçam por seu intermédio.

No campo da psicofonia, igualmente nos depara-remos com médiuns improdutivos, porque os espíritos, em vez de manifestando por eles, sempre se sentirão limitados.

Existem médiuns que não se entregam com a confiança necessária, cerceando a livre manifestação dos espíritos por seu intermédio.

Neste sentido, os próprios médiuns passistas que não procuram esforçar-se no ato da doação de fluidos magnéticos poucos resultados observarão na tarefa da cura pela simples imposição das mãos.

Os médiuns inspirados que não se preocupem em oferecer campo de atuação à Espiritualidade Superior, aprimorando as suas ideias pelo estudo constante, acabarão por se sentirem improdutivos nos comentários doutrinários que sejam chamados a fazer.

O médium improdutivo em um gênero de mediunidade nem sempre o será em outro, mas o médium que não luta para superar as suas limitações não alcançará êxito em nenhuma de suas atividades espirituais.

Quantos espíritos improdutivos existem dentro da casa espírita?! Quantos médiuns estarão na expectativa de que os espíritos tudo façam por eles?!...

O médium que se recusa a produzir por comodismo ou falta de boa-vontade atrairá a presença de um espírito improdutivo, igualmente sem convicção naquilo que faz.

Diríamos que, a rigor, médium algum será improdutivo quando se dispõe a fazer o bem, pois de um modo ou de outro ele conseguirá fazê-lo.

Destacamos, uma vez mais, o imperativo da conquista do discernimento por parte do médium, a fim de que ele saiba situar-se num campo de trabalho onde melhor possa produzir de acordo com as suas possibilidades.

A lição da figueira sem frutos, que observamos no relato evangélico, enseja-nos variadas reflexões. Embora não produzisse frutos em benefício dos famintos, nada impedia que ela produzisse sombra amiga e acolhedora aos peregrinos do caminho... E, certamente, nada também impedia que os pássaros entretecessem ninhos em seus galhos robustos... De alguma forma ela, qual se o quisesse, poderia ser útil.

A mediunidade em si nunca é deficiente; se ela se acha pouco desenvolvida neste ou naquele, é porque o médium não tem procurado desenvolver a si mesmo, porque, em suma, desenvolver a mediunidade é desenvolver-se o médium.

Agora, o bom-senso nos diz que o médium não deve forçar o desenvolvimento da mediunidade para a qual não revele a mais simples aptidão. Se, por enquanto, a sua capacidade medianímica manifesta-se com discrição, que ele trabalhe e estude mais, consciente de que no momento aprazado a sua mediunidade haverá de manifestar-se com maior determinação.

Necessitamos ainda esclarecer que não existe o que vulgarmente se chama de "mediunidade forte" e "mediunidade fraca"; como não há "centro espírita forte" e "centro espírita fraco"; o que, de fato, observamos é um maior ou menor grau de desenvolvimento da mediunidade e um maior ou menor interesse por parte do médium.

Há médiuns que querem ser médiuns somente para que os espíritos façam por eles o que eles devem fazer. Lamentável equívoco!

Se o médium não procurar o seu próprio crescimento, ele atrairá espíritos que ainda mais dificultarão o seu progresso, porque mediunidade, e isto, não nos cansaremos de repetir, é um processo de parceria onde o médium entra como coadjuvante do espírito, e vice-versa.

10) EXERCÍCIOS MEDIÚNICOS

"... as primeiras comunicações obtidas não devem ser consideradas senão como exercícios que se confiam a espíritos secundários ; por isso, nãoé preciso lhes atribuir senão medíocre importância..." (Cap. XVII, Segunda Parte, Item 210)

Muito temos falado acerca dos chamados exercícios mediúnicos. É claro que semelhantes exercícios são mais específicos no caso da mediunidade psicográfica.

Allan Kardec parece ter dado uma atenção maior à psicografia porque, à época da Codificação, era a mediunidade de que ele se valia no intercâmbio com os espíritos, obtendo através de dezenas de médiuns os comunicados que lhe possibilitaram fixar as bases da Doutrina.

No entanto, sem que seja nossa intenção extrapolar o tema em estudo, os exercícios mediúnicos se aplicam a todo género de mediunidade.

Todo médium principiante carece exercitar-se, e isto porque nenhum médium nasce pronto.

Os médiuns que se dedicam à transmissão de passes, por exemplo, necessitam exercitar-se na própria tarefa da doação de fluidos aos necessitados; muitos deles, com o tempo, acabam por conseguir resultados prodigiosos, conquistando a bênção de veicular o remédio através de suas próprias mãos...

Os médiuns de materialização precisam exercitar-se na expansão do ectoplasma; com o tempo, dos simples ruídos que os espíritos possam produzir por suas faculdades, eles possibilitarão o fenómeno da voz direta, dos sinais luminosos, da materialização propriamente dita e até mesmo dos diversos tratamentos em benefício dos enfermos, que é um dos sublimes objetivos de trabalhos desta natureza.

Os médiuns da palavra igualmente carecem de longos e continuados exercícios, a fim de que os Benfeitores da Vida Maior consigam expressar-se através de seus recursos de oratória, despertando consciências adormecidas e sensibilizando corações.

Todo tipo de exercício, seja ele qual for, reclama disciplina e perseverança, para que possa apresentar resultados.

O médium psicógrafo não deve sair por aí com as suas primeiras produções mediúnicas, querendo publicar um livro!

O entusiasmo inicial é necessário e não devemos arrefecê-lo em ninguém, mas, se chamados a orientar este ou aquele médium principiante, devemos fazê-lo com sinceridade, para não nos responsabilizarmos pela criação de ilusões em sua cabeça.

Dosemos a verdade em amor, mas não deixemos de dizê-la, com o cuidado de não transferirmos as nossas frustrações mediúnicas para os médiuns iniciantes.

Aconselhemos o médium inexperiente a que estude mais, trabalhe mais e, sobretudo, espere um pouco mais, antes de assumir compromissos de carácter público com a mediunidade.

Se repararmos bem, veremos, lamentavelmente veremos, que um grande número de médiuns desiste logo aos primeiros meses de atividade. Raros os medianeiros que porfiam, e aqueles que porfiam são justamente os que o fazem no anonimato, participando semanalmente das reuniões de desobsessão ou de passes, sem nenhuma preocupação de destaque pessoal.

A verdadeira abnegação não é aquela que se mostra, mas a que se esconde na tarefa que cumpre.

O desejo do médium de mostrar-se é sempre sinal de vaidade disfarçada. E a vaidade encontra-se mais profundamente enraizada naqueles médiuns moralistas que não logram identificar as próprias mazelas.

Quantos seareiros valorosos ignoram a vaidade pessoal que sutilmente os consome!

Quantos companheiros cuja vaidade transparece até mesmo nas preces que proferem!...

Recordemo-nos aqui das sábias palavras do Eclesiastes: "Atentei para todas as obras que se fazem debaixo do Sol, e eis que tudo era vaidade e aflição de espírito." (cap. 1 - v. 14)

De fato, quantos médiuns procuram destacar-se aos olhos dos homens - dos homens, que os esquecerão, por mais façam a fim de serem lembrados?!...

Que os nossos irmãos médiuns, portanto, busquem servir sem outro propósito que não seja o de agradar a Deus pelo cumprimento do próprio dever, na certeza de que tudo sobre a Terra é transitório; apenas hão de permanecer entre os homens as obras que foram erguidas com o aval do verdadeiro amor.

Exercitando-se, pois, na mediunidade, não se esqueçam os médiuns de se exercitarem na humildade.

11) OBSTÁCULOS INICIAIS

"O escolho da maioria dos médiuns iniciantes é ter relações com espíritos inferiores, e devem se considerar felizes quando não o sejam senão espíritos levianos." (Cap. XVII, Segunda Parte, Item 211)

Toda caminhada é constituída de obstáculos.

Ninguém vive sem enfrentar desafios.

A pessoa que nos pareça mais bem aquinhoada tem a sua cota de provação, pois, se assim não fosse, qual seria o seu estímulo para crescer?!

A função da dor, em essência, é a de incomodar os espíritos, concitando-os a avançar na senda do progresso.

A mediunidade, como instrumento de evolução do ser, também não foge à regra. Ela é, por assim dizer, um vastíssimo campo de lições, onde o espírito amadurece na sua lida.

Quando a mediunidade se manifesta em alguém, o Mundo Espiritual começa a descortinar-se para ele. Apesar de todo o conhecimento teórico que possa ter, a prática lhe conferirá uma experiência intransferível.

Relacionando-se com espíritos de diferentes categorias, o médium perceberá por si mesmo a abrangência da vida no Mundo Espiritual.

A pouco e pouco, o medianeiro principiante compreenderá que lidar com os espíritos não é muito diferente de lidar com os homens, pois nas regiões superpostas do Invisível pululam espíritos de diversas condições evolutivas, qual acontece com os encarnados, nas várias camadas sociais a que pertencem.

Um jovem inexperiente que se inicia nos negócios do mundo facilmente será ludibriado pelos espertalhões inconsequentes. A tendência natural do homem é confiar, até que o germe da desconfiança lhe seja plantado na alma.

Somente depois de algumas decepções é que esse jovem aprende que carece defender-se das armadilhas da maledicência e, melancolicamente, acaba por constatar que entre os homens ainda prevalece a chamada lei da selva.

Feliz daquele que experimenta a ação do mal e não endurece o seu coração!

Em sua oração pelos discípulos, Jesus roga a Deus: "Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal". (João, cap. 17, v. 15)

Segundo Kardec, o médium iniciante deve considerar-se feliz por manter intercâmbio com os espíritos considerados inferiores, e não com os levianos. E isto, porque os espíritos de pequena evolução podem igualmente ensinar-lhe muito, porque sempre são sinceros em suas palavras, ao passo que os levianos são calculistas e enganadores.

Lembremos que a Codificação não foi compilada somente com os depoimentos dos Espíritos Superiores; eles próprios encaminhavam à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas os espíritos sofredores que narravam suas valiosas experiências de além-túmulo.

Que os médiuns se acautelem, portanto, mas que não desanimem porque estejam obtendo comunicados de espíritos inferiores em seus exercícios iniciais. Se meditados - repetimos -, esses comunicados muito

elucidarão acerca das diversas situações dos espíritos no Mundo Espiritual, mostrando uma realidade que só se conhecia através da teoria.

Um especialista em Sociologia não tem a experiência de quem vive socialmente marginalizado.

O sofrimento é uma experiência individual, porque não há duas pessoas que sofram exatamente da mesma forma a ação da mesma dor.

Diante do exposto, convenhamos que o maior escolho do médium no exercício da mediunidade será o de sua própria imperfeição moral, porque, se ele tiver determinação em prosseguir, todos os obstáculos lhe serão causas de enriquecimento e motivação na tarefa.

Mas, porque nos referimos aos obstáculos iniciais, não imaginem os médiuns que algum dia se verão livres dos empecilhos naturais da marcha. Superado um obstáculo, eis que logo adiante outro se lhes apresentará.

Devem os medianeiros, principiantes ou experientes, considerar-se felizes quando os obstáculos enfrentados por eles sejam de ordem exterior, quais a intolerância deste ou daquele companheiro, a crítica de um familiar, a implacável perseguição de um obsessor, a falta de apoio do grupo a que pertençam... Esses obstáculos exteriores, embora desagradáveis, são facilmente arredados, quando se persevera em silêncio no cumprimento do dever.

O difícil é quando o médium apresenta-se, ele mesmo, como o maior obstáculo, ao deslanchar de sua mediunidade; difícil e triste, porque, então, os Espíritos Amigos haverão de sentir-se frustrados e lamentarão que, não raro, tão precioso talento esteja em mãos de quem não saiba valorizá-lo.

12) TEORIA E PRÁTICA

"Por isso, o estudo preliminar da teoria é indispensável, se não querem evitar os inconvenientes inseparáveis da inexperiência..." (Cap. XVII, Segunda Parte, Item 211)

Diz-se comumente que a teoria é uma coisa e a prática é outra bem diversa, como se se quisesse desmerecer a informação que antecede o conhecimento vivenciado.

Não resta dúvida que a teoria sem a prática seria comparável a um corpo sem alma, de vez que a teoria só se consagra através da prática.

Entretanto como poderia um médico atrever-se a cirurgiar alguém, sem que tivesse prévio conhecimento da técnica operatória?! Como poderia o engenheiro edificar um prédio, sem os devidos cálculos matemáticos?!

Quando a mediunidade se manifesta em quem sequer saiba do que se trata, como esperar resultados positivos de sua prática?!

A mediunidade, ao inverso do que muitos imaginam, não dispensa o seu estudo por parte do sensitivo; ao contrário, o médium necessita conhecê-la melhor, a fim de que saiba como lidar com ela.

Em publicando "O Livro dos Médiuns", a intenção de Allan Kardec não foi outra senão a de clarear os caminhos que, antes, os medianeiros percorriam completamente às escuras.

Por isto consideramos que todo médium carece ter o conhecimento básico indispensável da teoria mediúnica, acautelando-se contra indesejáveis equívocos e tropeços.

Deixar toda a orientação da mediunidade por conta dos Espíritos é a mais cabal demonstração de ignorância em torno do assunto, que requer o máximo de seriedade.

Todo candidato ao desenvolvimento mediúnico, portanto, precisa começar estudando. Inclusive, se for o caso, que se faça uma pausa no exercício da mediunidade iniciante, no sentido de o medianeiro informar-se melhor acerca do campo a que está sendo chamado a lavar.

No mínimo, teoria e prática mediúnica devem caminhar juntas, para que o médium, a par de tornar-se um instrumento mais adequado aos anseios da Espiritualidade, resguarde o seu próprio equilíbrio.

Os médiuns que se julgam dispensados de estudar "marcarão passo" na mediunidade, porque nesta atividade, mais do que em outras, teoria e prática se complementam.

Diz Allan Kardec no texto que nos inspira as reflexões que "o estudo preliminar da teoria é indispensável"... Certamente, por isto, pedagogicamente, após o lançamento de "O Livro dos Espíritos", por obra básica da Codificação, os Espíritos Superiores trouxeram "O Livro dos Médiuns" a lume, por inadiável necessidade de os medianeiros se nortearem, já que, às centenas no mundo todo, eles se encontravam sem qualquer ponto de referência em seus contatos com o Invisível.

Não somos favoráveis à criação dos chamados "cursos regulares de mediunidade", evitando-se os mal-entendidos a que dão oportunidade nas mentes que absorvem a teoria apenas superficialmente; no entanto somos favoráveis às reuniões de estudo em grupo na casa espírita, onde experiências sejam permutadas e "O Livro dos Médiuns" adotado por obra primordial.

Essas reuniões de estudo em grupo, próprias ao estudo da mediunidade, não devem se orientar nos moldes dos cursos humanos, subdividindo-se em ciclos e conferindo qualquer tipo de certificado ou diplomação, mesmo simbólico, aos que os concluírem; para o exercício consciente e responsável da mediunidade, ninguém estará apto porque concluiu este ou aquele "curso", neste ou naquele centro.

A aptidão mediúnica é conquista no tempo, fruto de esforço, dedicação, disciplina, perseverança, total e completo desinteresse ao servir...

Depois, precisamos distinguir informação de formação... Informação é teoria; formação é mais do que prática - é vivência!

A formação do médium não acontece sem que ele se evangelize. Por isto dissemos que desenvolver a mediunidade é, em essência, desenvolver-se o médium.

Finalmente, acrescentemos que a teoria mediúnica, para surtir os efeitos esperados na sua prática, necessita do aval do Evangelho vivenciado no dia-a-dia, porque sem Evangelho toda teoria em torno da mediunidade é estéril e toda prática resultará em decepção.

Que o médium principiante vincule-se, pois, a um centro espírita onde as reuniões de estudo não sejam preteridas pelas reuniões mediúnicas e a vivência do Evangelho Redivivo seja apanágio dos responsáveis pela sua orientação no plano dos homens.

13) NÍVEIS DE SINTONIA

"Quando a escrita é habitualmente ilegível, mesmo para o médium, este chega, quase sempre, a obtê-la mais limpa por exercícios frequentes e firmes, empregando uma forte vontade, e pedindo com ardor ao espírito que seja mais exato". (Cap. XVII, Segunda Parte, Item 213)

Em mediunidade, carecemos considerar os níveis de sintonia.

Cada transe mediúnico tem suas características.

A medida que o médium trabalha e se esforça no aprendizado, a manifestação mediúnica por seu intermédio vai se tornando tão natural e espontânea quanto possível.

No caso específico da psicografia, por exemplo, à medida que o médium se exercita e se afiniza com os espíritos que trabalham com ele, a escrita acontece naturalmente, legível a quantos busquem decifrá-la.

Este mediano, de que nos servimos neste momento, escreve com a própria caligrafia, tão serenamente quanto se estivesse escrevendo por si mesmo. Além de economizar papel, dispensa a presença de alguém que o auxilie, segurando as laudas.

Qual acontece com os modernos televisores, diríamos que estamos trabalhando com este mediano num nível que chamaremos de "sintonia fina"... A identificação entre os nossos pensamentos é tal, que nos permite operarem conjunto, sem qualquer alteração física ou emocional de sua parte. Quem o percebesse escrevendo agora, provavelmente diria que estas palavras estão nascendo de seu cérebro, e não que estariam sendo refletidas por ele sem distorções consideráveis.

A profundidade do transe mediúnico não deve ser sempre interpretada pelo estado febricitante que envolve certos medianos, dando, inclusive, uma ideia de sofrimento por parte do médium no instante da psicografia ou da incorporação, por exemplo.

O médium que nos dá a impressão de transe profundo, por estar evidenciando significativas alterações físicas e emocionais, pode estar simplesmente sendo envolvido pelos fluidos do espírito, sendo que ainda precisamos levar em consideração a facilidade com que o médium se deixa sugerir.

Na psicofonia, ou incorporação, nem sempre o médium que se contorce em excesso está num nível de sintonia mais profundo do que um outro que se comporta normalmente, com o espírito falando por seus lábios como se fora o próprio mediano conversando.

Quanto mais o médium se educa, mais ele consegue afinizar-se com os espíritos que o auxiliam.

O médium passista, igualmente, para estar em sintonia com os Benfeitores Espirituais que operam por seu intermédio, não carece de qualquer tipo de agitação no ato do passe. Basta que as suas mãos façam os movimentos habituais, para que os fluidos deslizem por elas com a tranquilidade com que deslizam as águas da fonte sobre a terra.

Respiração ofegante, movimentos bruscos com as mãos e com os pés, bocejos frequentes, estalar de dedos, contorções desnecessárias - nada significam, além de falta de educação mediúnica, seja no exercício desta ou daquela mediunidade.

E verdade, espíritos existem que, principalmente na psicofonia, trazem alguma alteração física e psíquica para o médium; entretanto, mesmo nos processos de incorporação mais penosos, o médium necessita controlar-se, auxiliando o espírito a comportar-se num recinto de oração - eis aqui a primeira doutrinação a que ele deve submeter-se, sendo que esta medida essencial é de inteira responsabilidade do médium.

No que denominamos processo de "sintonia fina", evocando a linguagem tecnológica, a caligrafia e o timbre de voz do espírito comunicante poderão ou não ter algum significado, de vez que o espírito essencialmente preocupa-se é com a transmissão da ideia em si.

Vejamos que, sem ruído algum, a antena de TV capta com fidelidade a imagem e o som que percebemos no aparelho... Assim devem se esforçar os médiuns para ser.

Esclarecemos ainda o que, na atualidade, talvez seja inadmissível por aqueles que não se aprofundaram no estudo do fenómeno mediúnico: num autêntico processo de parceria, médium e espírito, não raro, devem pensar juntos. E claro que este "pensar juntos" torna-se mais viável na psicografia, onde o comunicado pode interromper-se, sem grandes prejuízos.

Enganam-se os que acreditam que nós, os desencarnados, sempre trazemos os nossos ditados prontos para os médiuns. Muitas vezes, trazemos conosco apenas a ideia central do que pretendemos desenvolver.

14) MEDIUNIDADE E DÚVIDA

"Tendo o médium a consciência daquilo que escreve, é naturalmente levado a duvidar da sua faculdade". (Cap. XVII, Segunda Parte, Item 214)

Um dos escolhos mais difíceis com o qual o médium principiante se defronta é a dúvida.

A dúvida, quando persiste além dos limites, acaba por anular a mediunidade mais promissora.

O processo de parceria, a que nos referimos no capítulo anterior, torna-se impossível quando o médium deixa-se dominar pela incerteza que, de quando em quando, o assalta.

A dúvida até certo ponto é natural, porque não devemos crer em nada sem análise; mas, justamente porque a fé que abraçamos é raciocinada, a dúvida sistemática não tem motivo de ser no mediano imbuído das melhores intenções de servir.

O médium que duvida de suas faculdades não deve esperar que os outros nelas creiam.

Quando o obstáculo da dúvida se interpõe entre os espíritos e o médium, pouco se tem a fazer, porque no médium no qual a dúvida se enquistou os espíritos não encontram a confiança mínima necessária ao intercâmbio.

O médium que duvida em excesso de suas faculdades na verdade está duvidando de seus bons propósitos em cooperar com os semelhantes, arranando um pretexto para eximir-se do cumprimento do dever a que se sente chamado.

Diríamos que em todo médium existe algum traço de dúvida, porque sempre ficará a suspeita de que o que se ouve ou o que se vê é fruto de alguma espécie de alucinação desconhecida.

Mas, enquanto a dúvida permanece, digamos, em níveis aceitáveis, é-nos possível trabalhar...

O próprio médium inconsciente, se o quisesse, teria motivos de sobra para duvidar do que as suas faculdades psíquicas produzem... Sofismas é que não faltam.

A inconsciência mediúnica, portanto, não é garantia absoluta a respeito da veracidade do intercâmbio entre os Dois Planos da Vida.

Estamos nos referindo à dúvida que o médium possa ter e não à dúvida dos que assistem à produção do fenómeno, porque, se o mediano confiar em si, a dúvida dos outros pouco interessará na continuidade da tarefa que lhe diz respeito.

O médium que tenha a pretensão de convencer as pessoas acabará desapontado, porque nem Jesus logrou convencer a todos. Apesar de tê-lo visto redivivo, Tomé necessitou tocar-lhe as chagas para acreditar que, de fato, estava diante do Mestre, que cumpria a promessa de regressar da morte...

Que o médium iniciante deixe-se orientar pela sinceridade de suas convicções e pela boa-vontade em auxiliar; com o tempo, as suas dúvidas irão cedendo lugar a consoladoras certezas e, de futuro, ele não irá mais se preocupar com o que passará a considerar um detalhe de menor importância, ante o vastíssimo campo de trabalho que se lhe descerra.

Para se ter fé nos postulados espíritas, basta-nos-á o concurso da razão, porque nenhuma doutrina explica a Vida com tanta lógica quanto o Espiritismo.

Ninguém, a rigor, precisa "ver" um espírito, para acreditar na sobrevivência da alma após a morte, porque a razão nos diz que, se não fosse assim, as coisas careceriam de sentido.

Como escreveu Kardec, "a maior prova de que Deus existe é a impossibilidade de provar que Ele não existe"...

Aos argumentos dos cépticos contrapõem-se os argumentos dos que crêem.

Porque nos inclinaríamos à negação, se os motivos que temos para crer são, no mínimo, de igual número aos que temos para não crer?!

O médium que pretende desenvolver a mediunidade trate de afastar a dúvida por pedra-de-tropeço em seu caminho.

Após aqueles momentos de natural incerteza e insegurança, siga para diante, com determinação, porque, quanto mais dúvida no médium, maiores as dificuldades a serem superadas.

Junto ao médium que duvida, repetimos, os espíritos pouco poderão fazer, até mesmo no sentido de auxiliá-lo em sua crença.

Se no companheiro que escreve neste momento a dúvida existisse em níveis intoleráveis, como conseguiríamos grafar o que grafamos?! Embora duvide, ele persiste na certeza de que a filosofia espírita que abraçou é superior a essas polémicas rasteiras em que muitos se perdem; e é nesta sua convicção inabalável na Doutrina que nos apoiamos para prosseguir, deixando ao tempo o trabalho da consolidação definitiva de sua fé.

15) DISCRIÇÃO MEDIÚNICA

"Uma vez a faculdade desenvolvida no médium, é essencial que dela não abuse. A satisfação que ela proporciona a certos principiantes excita neles um entusiasmo que é importante moderar..." (Cap. XVII, Segunda Parte, Item 217)

Não há nada mais ridículo do que a falta de discríção por parte do médium.

Todo médium, seja ele principiante ou não, carece moderar o seu entusiasmo.

O médium que vive falando de si, narrando as suas experiências mediúnicas, inspira desconfiança naqueles que o ouvem.

A necessidade do médium em sempre falar de sua própria mediunidade revela o seu grau de imaturidade e o personalismo que, embora procure disfarçar, ainda predomina nele.

O médium necessita ser reservado quanto às suas faculdades, mesmo entre os companheiros do grupo, evitando vulgarizar os dons que lhe foram concedidos.

Médium que afirma ver espíritos a todo momento está desequilibrado, porque, de todas mediunidades, a vidência é aquela que mais raramente se manifesta, dependendo mais do desejo do espírito em mostrar-se do que do médium em vê-lo.

Médium que diz estar escutando espíritos a toda hora está, no mínimo, querendo chamar a atenção das pessoas para si, porque médium que escuta os espíritos de maneira ininterrupta não existe.

Quanto mais o médium aprender a moderar-se diante dos outros, mais respeitado ele será.

O médium bem intencionado procura auxiliar sem aparecer; ou seja, tanto quanto os Espíritos Benfeitores que agem no anonimato, ele busca ser discreto em suas intervenções.

A mediunidade nunca deve ser meio de promoção pessoal; o médium, quanto qualquer outra pessoa, promover-se-á pelos seus valores morais.

Mediunidade não é atestado de grandeza espiritual; estando ao alcance de todos, é compromisso de trabalho.

Evidentemente que nenhum médium deve coibir a alegria sadia de manifestar-se em sua alma; é compreensível que o médium, por vezes, sinta necessidade de abrir-se com alguém, confidenciando as suas experiências íntimas no trato com a mediunidade; é justo que a palavra do médium mais antigo soe com maior autoridade onde seja pronunciada, sem que isto, no entanto, lhe confira qualquer tipo de superioridade sobre os demais...

Mas a alegria que todo médium deve almejar é a alegria do dever cumprido; o entusiasmo que todo médium deve manifestar é o entusiasmo com a Doutrina, que, sem dúvida, é um excelso foco de luz clareando as nossas vidas...

Repetimos: o médium deve evitar ao máximo falar de si mesmo; quando houver necessidade de citar-se como exemplo, que o faça rapidamente e com o mínimo de palavras.

Existem médiuns que têm carência tão grande de elogios que, falando de si, como que estão pedindo para ouvi-los de seus interlocutores.

O que estamos escrevendo aqui de modo tão incisivo não tem outro objetivo senão o de preservar os médiuns principiantes da perturbação e a Doutrina de ser mal interpretada por quantos ainda não aprenderam a separar o joio do trigo; sim, porque muitos, intencional-mente ou não, confundem mediunidade com Espiritismo, e o Espiritismo não pode responder pela invigilância dos médiuns que se rotulam "espíritas"...

Que os médiuns principiantes, e também os mais antigos, moderem o seu excessivo entusiasmo, exercendo a mediunidade com a discrição que lhes seja possível.

Quando Jesus, no episódio que nos narra o Evangelho, curou os dez leprosos, ele pediu-lhes que nada dissessem a ninguém; que apenas se mostrassem aos sacerdotes, conforme prescrito na lei de Moisés... (Lucas, 17:11-19)

Ora, se o Mestre preocupava-se com a discrição -e isto fica claro em diversas passagens evangélicas - porque haveríamos de andar por aí proclamando a nós mesmos?!...

Os espíritos sérios afastam-se dos médiuns sem seriedade, deixando que se tornem vítimas daqueles que tratarão de estimular a sua vaidade. Este afastamento torna-se necessário em benefício dos próprios médiuns, que, embora alertados, não procuram se corrigir.

Todo médium indiscreto não merece credibilidade, assim como todo espírito personalista não merece confiança.

Atentemos para este grave problema que, infelizmente, tem comprometido a tarefa mediúnica de muitos medianeiros na seara espírita.

16) MÉDIUNS ADOLESCENTES

"8.^a Qual é a idade na qual se pode, sem inconvenientes, se ocupar da mediunidade? Não há idade precisa e isso depende inteiramente do desenvolvimento físico, e ainda mais do desenvolvimento moral; há crianças de doze anos que serão menos afetadas do que certas pessoas adultas. Falo da mediunidade em geral, mas a que se aplica aos efeitos físicos é mais fatigante corporalmente; a escrita tem um outro inconveniente que se relaciona com a inexperiência da criança, no caso em que quisesse dela se ocupar sozinho e com ela divertir-se". (Cap. XVIII, Segunda Parte, Item 221)

Não existe idade precisa para se ocupar da mediunidade, pois ela pode manifestar-se em qualquer faixa etária.

É muito comum que a mediunidade se manifeste na adolescência, por isto, vamos, neste capítulo, dar ao fato maior atenção, procurando orientar acerca da conduta que consideramos mais coerente.

Normalmente, quando se manifesta nos jovens de uma faixa de idade que varia entre 12 e 17 anos, sem distinção de sexo, na maioria das vezes semelhante sintoma de mediunidade é transitório; ou seja, o jovem, no desabrochar de suas forças psíquicas, torna-se mais sensível à influência dos espíritos que pululam ao redor dos homens na Terra...

Porque experimente sinais de mediunidade, não significa que o jovem necessariamente tenha que frequentar uma reunião mediúnica ou tenha que desenvolvê-la.

Embora não haja limite de idade para o aparecimento da mediunidade, é de bom alvitre que o adolescente ou que o jovem a ela não se entregue, sem a necessária noção de responsabilidade.

Não é porque a mediunidade apareça nesse ou naquele jovem que ele seja um predestinado. Quase sempre isto acontece para que a família, distante da verdadeira fé em Deus, se encaminhe ao esclarecimento espiritual que não possui.

No adolescente ou no jovem, o surgimento da mediunidade parece ter a função específica de despertar os que convivem com ele; quando os espíritos interessados nesta providência alcançam o seu objetivo, eles se afastam, dando por concluída a tarefa de acender alguma luz entre os que lhes são caros.

Instrumento para a conscientização dos familiares, assim que isto acontece, os jovens, no que diz respeito às suas forças medianímicas, se asserenam, ficando, talvez, para mais tarde o efetivo desenvolvimento de suas faculdades.

Aqui, gostaríamos de alertar os responsáveis pelo centro espírita no que se segue. Encaminhando-se à casa espírita, acompanhado pelos seus pais, de maneira geral, após longa peregrinação por diversos consultórios médicos, o orientador que recebê-los deve valer-se da oportunidade para indicar-lhes segura bibliografia em torno dos postulados doutrinários, que, certamente, desconhecem. Por isto, seria interessante ter-se sempre à mão uma ou outra obra espírita para doação ou para empréstimo, porque não é sem razão de ser que os espíritos se manifestam num meio leigo.

Ao invés de chamar o jovem e os responsáveis por ele para uma reunião mediúnica, o que, de todas, seria a derradeira providência a ser tomada, o orientador deve convidá-los para uma reunião de estudos e para

algum tipo de trabalho assistencial, falando-lhes ainda acerca da importância da realização do Culto do Evangelho no Lar.

Através da frequência ao centro, das leituras, dos passes, das orações, da nova disposição mental, da vigilância maior, dos diálogos construtivos e do serviço no bem, o jovem irá se equilibrando mediunicamente, conseguindo paz a fim de prosseguir em seus estudos escolares e ocupações normais. Posteriormente, quando se defina na vida, se ele tiver renascido com tarefa específica no campo da mediunidade, então chegará o momento de abraçá-la.

Perseverando em sua convicção espírita, passados aqueles momentos de entusiasmo inicial, o jovem também poderá iniciar-se na transmissão dos passes, medida que lhe será extremamente benéfica, porque haverá de colocá-lo em contato direto com o sofrimento alheio, desenvolvendo nele, paralelamente à sua mediunidade, o sentimento de real amor ao próximo.

Existem médiuns espíritas distantes dos sofredores, médiuns que são médiuns sem prática evangélica... Os médiuns que assim se iniciam dificilmente se aproximarão dos mais carentes; preferirão lidar com os espíritos necessitados, porque não terão que sujar as mãos, do que com os pobres na periferia das cidades...

Que os médiuns adolescentes e jovens mereçam atenção especial dos espíritas que permanecem à frente das tarefas doutrinárias do centro, conscientes de que terá soado para aquele grupo familiar o instante de despertar para as realidades do espírito.

17) MÉDIUNS DOENTES

"É preciso disso afastar, por todos os meios possíveis, aqueles que tenham dado os menores sintomas de excentricidade nas ideias ou no enfraquecimento das faculdades mentais, porque há nelas predisposição evidente à loucura, que qualquer causa superexcitante pode desenvolver". (Cap. XVIII, Segunda Parte, Item 222)

Ao orientar alguém para o desenvolvimento mediúnico, é necessário ter-se muito cuidado, porque nem todas as pessoas encontram-se em condições de lidar com as suas faculdades psíquicas.

Às vezes, recomendar que determinada pessoa procure desenvolver-se mediunicamente é empurrá-la para maior desequilíbrio, visto que, do ponto de vista do equilíbrio emocional, ela pode não estar preparada.

Como sempre, Kardec foi muito feliz ao escrever o texto que acima as nossas reflexões neste capítulo.

Como alguém com certa tendência esquizofrênica poderia se ocupar da mediunidade, sem alterar ainda mais o seu psiquismo?!

Quase todos os nossos irmãos mentalmente alterados, revelam certa disposição para o que consideram "sobrenatural"... Vivendo já, psiquicamente, entre os dois mundos, com suas visões e vozes, esses companheiros devem canalizar seus recursos mediúnicos para alguma tarefa assistencial onde, através do tempo, encontrem o equilíbrio que procuram.

Colocar na cabeça de alguém com "sintomas de excentricidade nas ideias" que ele é médium é mais prejudicar do que auxiliá-lo, de vez que isto poderá causar-lhe imensos transtornos mentais, afastando-o da terapia ocupacional da caridade que, na realidade, seria o único recurso capaz de favorecê-lo.

E comum que os centros espíritas sejam frequentados por companheiros com certos distúrbios psicológicos... Procuremos socorrê-los através do passe, dando-lhes pequenas tarefas a serem executadas, como, por exemplo, a distribuição de mensagens à porta da instituição.

Compreendemos que, não raro, os amigos que orientam à mediunidade os companheiros com predisposição ao desequilíbrio agem com a melhor das intenções, porque, de fato, é melhor que eles se acreditem médiuns do que socialmente marginalizados pelos seus distúrbios psicológicos; mas, embora potencialmente todos sejamos médiuns, não podemos ignorar que entre ser-se médium e estar-se preparado para o exercício da mediunidade a distância é muito grande.

Os médiuns doentes primeiro carecem de tratamento - tratamento médico especializado e tratamento espiritual, a fim de que, futuramente, quem sabe até numa próxima encarnação, tornem-se aptos ao exercício propriamente dito de suas faculdades mediúnicas.

Esses médiuns doentes, aqui chamados assim por nos, para maior clareza de entendimento, alcançando significativa melhora em seu estado geral, poderão até cooperar na transmissão de passes no centro espírita; todavia de forma alguma seria aconselhável que, mediunicamente, excedessem este mister. E, mesmo cooperando na transmissão dos passes, devem fazê-lo em reunião menos concorrida, onde não haja tanta aglomeração de pessoas.

A pretexto de caridade, os responsáveis pelas atividades do grupo espírita nunca deverão permitir que esses nossos irmãos médiuns em processo de reequilíbrio mediúnico excedam-se nas atribuições que lhes são confiadas.

Sabemos da delicadeza do assunto que abordamos, mas o fazemos com o máximo respeito e o desejo sincero de cooperar com os médiuns que renasceram em dolorosos processos de resgate. Efetivamente, muitos deles foram médiuns que, em existência pregressa, abusaram das próprias faculdades ou, então, companheiros que induziram os outros à loucura e, agora, trazem enquistado no próprio ser o germe da perturbação.

Vejamos, pois, a responsabilidade que assumem os que, indiscriminadamente, orientam as pessoas para o desenvolvimento mediúnico, sem uma noção mais exata de seu estado psicológico; a sua responsabilidade é tão grande quanto a daqueles que rotulam os outros de doentes mentais, colocando-lhes sobre os ombros a pesada cruz da marginalização social.

A caridade não deve desprezar o bom-senso, para que o bem que desejamos fazer, e nos seja feito, alcance toda a sua extensão.

Não nos esqueçamos de que a nossa fé é raciocinada e, por isto, coração e razão precisam se entender, falando a mesma linguagem.

Nem sempre o que se deixa levar apenas pelo coração está agindo corretamente.

O Amor de Deus pelas criaturas não é cego.

18) ESPELHO MENTAL

"6. O espírito que se comunica por um médium transmite diretamente seu pensamento, ou esse pensamento tem por intermediário o espírito encarna-do no médium? É o espírito do médium que o interpreta, porque está ligado ao corpo que serve para falar, e é preciso um laço entre vós e os espíritos estranhos que se comunicam, como é necessário um fio elétrico para transmitir uma notícia ao longe, e no fim do fio uma pessoa inteligente a recebe e a transmite". (Cap. XIX, Segunda Parte, Item 223)

Os Espíritos foram claros ao dizer que o espírito do médium é o intérprete de seus pensamentos.

Sendo intérprete dos pensamentos dos espíritos comunicantes, é natural que a mensagem transmitida contenha algo do médium, assim como o espelho que reflete uma imagem o faça de acordo com as suas possibilidades.

Um espelho embaçado ou partido evidentemente refletirá imagem com tais distorções, embora o objeto refletido se mantenha íntegro.

O espelho mental do médium, portanto, é de fundamental importância no processo das comunicações intelectuais.

Semelhante às águas de um lago, o médium necessita zelar pela sua serenidade mental, para que a mensagem dos espíritos se reflita com a fidelidade possível.

E importante que o mediano, principalmente nas horas que antecedem uma reunião mediúnica, se preserve de abalos emocionais, de conversas desgastantes, de leituras exaustivas, de programas televisivos ou radiofônicos.

O ideal seria que o médium, preparando-se para uma tarefa, pudesse ouvir alguma música suave, de preferência orquestrada.

É lógico que a preparação maior do médium deve acontecer no dia-a-dia; mas, como sobre a Terra ninguém consegue fugir às lutas, poucas horas em que ele consiga se isolar dos problemas serão de grande valia para que os espíritos não encontrem tantos obstáculos mentais...

Compararíamos, ainda, a mente do médium a uma janela do tipo veneziana. Não raro, os nossos pensamentos conseguem alcançá-lo somente através de algumas poucas frestas... E devemos nos contentar com essa reduzida possibilidade, como igualmente o médium.

Muitos medianos manifestam a sua contrariedade por não lograrem resultados mais positivos com as suas faculdades; ora, se eles não nos oferecem melhores condições de trabalho, com que direito esperaríamos mais de nossa parte?!...

Diremos mesmo, sem qualquer preocupação com a modéstia, que nós, os desencarnados, até temos feito muito, em face das condições de trabalho que nos são oferecidas.

Às vezes, para conseguirmos escrever algumas linhas por dia através de um médium psicógrafo, precisamos postar-nos junto a ele quase que dia inteiro, à espera que encontre tempo para nós e nos ofereça sintonia.

Os confrades espíritas reclamam da pequena produção de romances mediúnicos, mas onde estarão os médiuns que, além de predisposição natural para a Literatura, tenham paciência suficiente para recebê-los?!

Para muitos espíritos, tem sido desanimadora a tarefa de tutelar um médium.

Além destes obstáculos apontados por nós, existem aqueles outros que se encarregam de criar os espíritos interessados em conturbar o intercâmbio positivo entre os dois mundos.

A facilidade com que os médiuns refletem os pensamentos dos espíritos infelizes é impressionante! Acontece, inclusive, que pelas "frestas da veneziana" a que nos referimos o médium, oscilando na sintonia, capte, ao mesmo tempo, ideias que lhe são sugeridas pelos espíritos amigos e ideias que lhe vêm dos espíritos perturbadores. Por isto, numa mensagem podemos encontrar um pensamento de grande conteúdo filosófico e outro constituído por banalidades.

Para entendermos melhor o fenômeno a que acabamos de nos referir, recorramos à imagem do rádio em que uma emissora vê-se "invadida" por outra em sua própria frequência...

A frequência mental em que o médium procura manter-se em sintonia, estável em suas emoções, tem significado fundamental na mediunidade.

Como percebemos, o assunto é complexo, mas não devemos nos entregar ao desalento.

A mente vige na base de tudo, e, se queremos êxito em nossos empreendimentos, busquemos o equilíbrio.

Só de os médiuns tomarem consciência do que expomos será de grande proveito, porque, assim, poderão manter-se mais vigilantes e aprender a "selecionar" as ideias que captam, feito o garimpeiro que, na bateia, separa o diamante do cascalho.

Creiam que nós, espíritos comunicantes, também estamos sujeitos a essas oscilações mentais e não é igualmente sem grande esforço que conseguimos sustentar a sintonia na transmissão que desejamos.

19) PENSAMENTO E PALAVRA

“15. Os espíritos não têm senão a linguagem do pensamento; não têm a linguagem articulada; por isso, não há para eles senão uma só língua; assim sendo, um espírito poderia se exprimir por via mediúnica em uma língua que jamais falou quando vivia; e, nesse caso, onde toma as palavras das quais se serve? Vós mesmos vindes de responder à vossa pergunta, dizendo que os espíritos têm uma única língua, que é a do pensamento; essa língua é compreendida por todos, tanto pelos homens quanto pelos espíritos. O espírito errante, em se dirigindo ao espírito encarnado do médium, não lhe fala nem francês, nem inglês, mas a língua universal que é a do pensamento; para traduzir suas ideias, em uma linguagem articulada, transmissível, toma suas palavras no vocabulário do médium”. (Cap. XIX, Segunda Parte, Item 223)

Não se pode duvidar da autenticidade de uma mensagem mediúnica, porque a maioria das palavras empregadas em sua redação fazem parte do vocabulário do médium.

Os espíritos não possuem a linguagem articulada dos homens. Eles se expressam através da linguagem universal do pensamento; por isto, todos os espíritos podem se comunicar com as pessoas de todas as nacionalidades, sem se preocuparem com o problema do idioma.

E evidente que, por uma questão de prova de identidade, um espírito que tenha sido um conhecido personagem francês na última encarnação, se encontrar no médium predisposição para expressar-se na língua pátria, ele o fará, de forma preferencial.

Se Allan Kardec desejasse entrar em contato com os espíritos franceses, certamente que ele procuraria um médium francês ou um outro que lhe permitisse exprimir-se neste idioma. Embora pudesse fazê-lo em qualquer outra língua, provavelmente os nossos confrades da França iriam estranhar o fato de que ele, por exemplo, se lhes dirigisse em português.

O que talvez justificasse ao espírito de Allan Kardec utilizar como instrumento um médium que ignore o francês seria a maior fidelidade doutrinária desse medianeiro, porque para os Espíritos Superiores a mensagem está acima da forma.

Portanto, não é estranhável que um espírito estrangeiro se comunique em português e que, depois, o médium solicite a um conhecedor da língua que a traduza para o vernáculo em que o referido espírito possa ser identificado.

Desejamos ressaltar que o espírito se identifica por suas ideias, e não por suas palavras; mas como na Terra ainda se valoriza mais a forma que o fundo, sempre que possível os espíritos procuram se prevenir no sentido de afastar tudo o que seja objeto de dúvida, em seus contatos com os homens.

Servindo-se de médium que possui vocabulário limitado, é claro que os espíritos buscam adaptar a ele o seu pensamento, não, às vezes, sem reais prejuízos literários e gramaticais.

Espantam-se os que desconhecem o mecanismo do intercâmbio mediúnico, ao reparar que um espírito que na Terra foi um grande conhecedor da língua se manifeste, através da escrita ou da palavra, cometendo os mais elementares erros gramaticais... Ora, para que o espírito pudesse, por inteiro, ser ele mesmo, necessitaria de "instrumento" com o qual tivesse plena identificação, não apenas fluídica, mas também de

hábitos, costumes, ideias, vocabulário... Como isto não existe, ele há de se conformar com o que tem à mão; se um exímio violinista não possui um Stradivarius, se desejar tocar, terá que acostumar-se com um violino mais modesto.

O pensamento expressa-se através de imagens... Vejamos as pinturas nas cavernas pré-históricas, como a primeira tentativa do homem para exprimir o que pensava.

Lentamente, as imagens foram sendo traduzidas em palavras; palavras que nem sempre retratam com fidelidade o que se vê, o que se pensa e, sobretudo, o que se sente.

O espírito pensa, e o pensamento é a sua palavra. O homem pensa, e a palavra é o seu pensamento.

Por isto, na base da mediunidade vige o pensamento; tudo o mais são apêndices para que as ideias possam ser veiculadas na Terra, onde tudo está condicionado a determinados campos gravitacionais.

Quando, no capítulo anterior, referimo-nos ao "espelho mental", o fizemos para ressaltar a importância do pensamento do médium no seu desenvolvimento mediúnico.

O médium que não possui a serenidade mental necessária dificilmente observará progressos em suas faculdades medianímicas.

Infelizmente, o "espelho mental" da maioria dos medianeiros com os quais contamos no mundo encontra-se envolvido por uma espécie de nevoeiro, que a luz projetada dos nossos pensamentos dificilmente consegue varar, assim como o Sol que custa a brilhar, entremeando os seus raios na neblina...

20) TALENTOS TRANSCENDENTES

"23. Por que o homem, que tem um talento transcendente em uma existência, não o tem em outra seguinte? Não ocorre sempre assim, porque, frequentemente, ele aperfeiçoa em uma existência o que começou em uma precedente; mas pode ocorrer que uma faculdade transcendente adormeça durante certo tempo, para com isso deixar outra mais livre para se desenvolver; é um germe latente que se reencontrará mais tarde, e do qual sempre ficam alguns traços ou pelo menos uma vaga intuição". (Cap. XIX, Segunda Parte, Item 223)

A mediunidade faz parte dos talentos transcendentes que o homem, através das vidas sucessivas, vai desenvolvendo; é um sentido que, semelhante aos demais, concorre para o seu aperfeiçoamento espiritual.

O objetivo do espírito é a perfeição. Todos os sentidos que, a pouco e pouco, vão-se-lhe despertando, são instrumentos do seu progresso.

A mediunidade, hoje, é um sentido excepcional, porque, infelizmente, encontra-se longe de generalizar-se entre os homens, de maneira como os sentidos físicos se generalizaram na espécie humana. Quando a mediunidade se generalizar na Terra, como se encontra generalizada nos mundos superiores, ela perderá o seu caráter de excepcionalidade, integrando-se no ser de forma natural.

Talento psíquico por excelência, a mediunidade faculta ao espírito desenvolver determinadas aptidões, qual a telepatia. Quase sempre, os espíritos dos médiuns desencarnados não encontram maiores embaraços na Vida Espiritual para se comunicarem através do pensamento. O mesmo acontece com a capacidade volitiva do ser.

Conforme esclarecemos alhures, assim como numa determinada existência o espírito, pelo seu veículo de manifestação, que é o corpo somático, tem necessidade, por exemplo, de desenvolver a potencialidade da reflexão, valendo-se da Lei de Causa e Efeito, ele pode ter a faculdade da visão física cassada, mergulhando na prova da cegueira, que o ensinará a enxergar com os olhos da alma, em outra existência ele poderá ter as suas possibilidades psíquicas bloqueadas, se necessário.

Quem foi médium numa existência não significa que o será em outra.

A mediunidade exercida por longo tempo cria no espírito encarnado certa "dependência psíquica" que, quando oportuno, convém anular, a fim de que o espírito seja mais ele mesmo.

Não é que quem seja médium deixe de sê-lo, um dia. A faculdade, uma vez conquistada, subsistirá sempre; mas pode tornar-se necessário que ela não se destaque das demais faculdades do espírito, manifestando-se tão naturalmente quanto os demais sentidos.

O espírito de um exímio pintor não pode passar a eternidade pintando quadros... Se assim acontecesse, ele não progrediria em outros campos de sua sensibilidade.

A par do exposto, a mediunidade também, no espírito que não souber valorizá-la poderá sofrer bloqueios que lhe serão determinados pela Lei.

Quando acontece o homem não usar a sua liberdade de movimentação de acordo com os padrões morais da sociedade em que vive, ele a tem cerceada pela justiça, que o condena ao cativo; ali, recluso, deverá reaprender a movimentar-se entre os semelhantes, sem comprometer os direitos de ninguém.

Abusando do talento da mediunidade numa existência, em vão o Espírito suspirará por tê-lo na próxima, aprendendo a reequilibrar intimamente, à custa de muitas lágrimas, o que destrambelhou em si mesmo...

Existem mecanismos na consciência que são natu-ralmente acionados, todas as vezes que o espírito transgride a Lei.

Percebamos que não há na suspensão da mediunidade, uma involução do espírito, porque ele não retrograda no caminho do progresso. É apropriada consciência que o cerceará e reclamará reajuste.

Enquanto a consciência não nos libera de determinados compromissos, a eles nos sentimos vinculados.

Sob este prisma, embora o Cristo tenha perdoado à Humanidade a sua crucifixão, a própria Humanidade ainda não se perdoa, em que pese à inconsciência da culpa em que vive imersa.

Não são os Espíritos Benfeitores que nos tolhem, antes da encarnação, este ou aquele sentido no corpo de carne... Somos nós mesmos que interferimos, mentalmente, no mundo genético, influenciando as células que estruturarão o nosso veículo de manifestação. Eles poderão conversar conosco e aconselhar-nos certas decisões, mas, em essência, a decisão final nos pertence, mesmo -repetimos - agindo inconscientes da Lei que nos governa.

Quando esses talentos transcendentais encontram meios de manifestar-se, ao mesmo tempo, ainda que de forma limitada, num mesmo e único ser, temos então o que chamamos de homem de gênio, aquele que, dotado de memória prodigiosa, parece ter incrível facilidade na assimilação dos conhecimentos humanos, como se deles possuísse prévio saber.

21) AS QUALIDADES DO MÉDIUM

“1. O desenvolvimento da mediunidade está em razão do desenvolvimento moral do médium? Não; a faculdade, propriamente dita, relaciona-se com o organismo; é independente do moral; não ocorre o mesmo com seu uso, que pode ser mais ou menos bom, segundo as qualidades do médium ”. (Cap. XX, Segunda Parte, Item 226)

Há quem questione como uma faculdade de ordem psíquica pode relacionar-se com o organismo... No que se refere à mediunidade de efeitos físicos, a dúvida está esclarecida, de vez que o ectoplasma liberado pelo médium flui através dos orifícios naturais do corpo somático, principalmente pela boca, nariz e ouvidos... Além do mais, o ectoplasma é produzido pelas células, sob o comando do sistema nervoso, que é, digamos, o maior ponto de interação entre o corpo material e o perispírito. A ciência haverá, oportunamente, de aprofundar-se nesta questão.

No que diz respeito à mediunidade de efeitos intelectuais, embora o perispírito do médium seja o "meio de ligação" com os espíritos comunicantes, a glândula pineal, como já foi esclarecido, é de fundamental importância.

De natureza física e psíquica, a glândula pineal é que permite ao pensamento ganhar forma concreta através da palavra, assim como da força das águas extrai-se a eletricidade.

No que expomos, fica claro, pois, que a mediunidade em si relaciona-se com o organismo, conforme os próprios Espíritos disseram a Kardec.

Um corpo debilitado cerceará ao médium o exercício da mediunidade, de maneira parcial ou total.

Não é por outro motivo que, de maneira geral, com o avanço da idade física, a tendência do médium é sentir-se mediunicamente limitado, o que é compreensível.

Mas de que valerá um médium em forma, do ponto de vista físico, se ele não o estiver do ponto de vista moral?!

De que serve o instrumento musical nas mãos de quem não se encontra apto para manejá-lo, extraindo dele o que ele é capaz de produzir?!

Tão ou mais importante que ser bom médium é ser médium bom.

Um bom médium poderá ter uma faculdade belíssima, mas somente um médium bom contará com o aval da Espiritualidade Superior.

Um médium jovem e robusto talvez não consiga executar a tarefa de um médium idoso e doente.

As qualidades morais do médium são indispensáveis.

Os Espíritos, se necessário, poderão até se esforçar no sentido de suprir no médium determinadas limitações físicas, mas não poderão fazer o mesmo no que se refere às suas limitações de ordem moral.

Se um bom médium é facilmente encontrável, um médium bom é raridade.

Quantos médiuns existem que não desejam assumir compromissos com a mediunidade?! Quantos bons médiuns se perdem no turbilhão das exigências do mundo, excessivamente envolvidos nas transações da vida material?!...

O ideal da mediunidade é que o bom médium seja um médium bom. Quando os espíritos conseguem encontrar em um só mediano estas duas condições reunidas, eles conseguem a realização de verdadeiros prodígios.

Por isto, insistimos na necessidade de o médium evangelizar-se.

Evidentemente que não estamos transferindo toda a responsabilidade da produção mediúnica para o médium. Aliás, não cometeríamos a invigilância de quantos culpam os espíritos pelo que lhes acontece no cotidiano...

E claro que, quando falamos em bom médium e médium bom, não podemos nos esquecer de falar em bom espírito e espírito bom, porque, se existem espíritos hábeis no processo do intercâmbio mediúnico com os homens, poucos são os que sabem aproveitá-lo de maneira construtiva.

A maioria dos espíritos que, através da mediunidade, entram em contato com os homens, são espíritos que deixam a desejar no que se refere à moralidade. E não estamos sendo moralistas nesta nossa constatação.

Os espíritos sempre disponíveis aos médiuns, de maneira geral, são de discreta condição evolutiva, notadamente no campo da moral. Podem até ser espíritos com algum conhecimento, mas com quase nenhum esclarecimento.

Portanto, esforçando-se para ser bons médiuns, que os portadores de faculdades medianímicas se esforcem para ser médiuns bons, aplicando-se à prática do Evangelho.

Somente os médiuns bons poderão contar com a tutela dos espíritos bons, atentos ao preceito de que "semelhante atrai semelhante".

22) NA FALTA DE OUTRO MÉDIUM

“8. É absolutamente impossível ter boas comunicações através de médium imperfeito?

Um médium imperfeito, algumas vezes, pode obter boas coisas, porque, se tem uma bela faculdade, os bons espíritos podem dele servir-se, na falta de outro, numa circunstância particular; mas isso não é sempre senão momentaneamente, porque, desde que encontrem um que melhor lhes convenha, lhe dão preferência". (Cap. XX, Segunda Parte, Item 226)

Seguindo a linha de raciocínio do capítulo anterior, às vezes, na falta de um médium melhor preparado, os espíritos que necessitam comunicar-se servem-se do mediano que encontram disponível, mesmo com as suas limitações.

As comunicações esporádicas dos espíritos esclarecidos através dos médiuns iniciantes ou imperfeitos têm ainda o objetivo de incentivá-los no desenvolvimento de suas faculdades, tanto quanto no seu progresso espiritual.

Os espíritos se sentem mais felizes com o concurso de um médium de boa vontade, em que pese às suas deficiências mediúnicas, do que com um médium de maiores recursos mas emocionalmente instável.

O esforço de um médium limitado mediunicamente pode levá-lo a superar-se.

Muitos estranham que os Espíritos Superiores se valham de médiuns despreparados intelectualmente, em seu intercâmbio com os homens... Ora, de que valeria a eles um médium intelectualizado que não deseja trabalhar?! Como é que eles poderiam utilizar-se de um sensitivo que duvida de suas próprias possibilidades, criando obstáculos mentais quase que irremovíveis para eles?!...

Os profetas escolhidos por Deus para anunciar a Verdade ao povo de Israel quase sempre eram rústicos pastores, homens incultos que viviam socialmente marginalizados.

Os seguidores de Jesus não eram chamados "pobres de espírito"?! Não foram eles simples pescadores, escravos e mulheres adúlteras?!... Para que o mais culto deles, Paulo de Tarso, se rendesse ao Evangelho, transformando-se em sua época no maior arauto da Boa-Nova, sabemos pelo que teve de passar...

Os doutores da lei, que, pela lógica, seriam os mais aptos na defesa do Evangelho, foram justamente os que mais o combateram.

Existem médiuns intelectualmente preparados que chegam ao absurdo de se envergonhar de sua própria mediunidade! Evitam até falar no assunto, quanto mais expor-se nesta ou naquela tarefa!

Pode parecer que não, mas ainda existem arraigados preconceitos contra a mediunidade, principalmente contra o seu exercício em caráter público por parte dos médiuns que são chamados a fazê-lo; e esse preconceito, não raro, se torna tão mais forte quanto a posição que os médiuns ocupam na sociedade...

Quem se envergonhar do testemunho mediúnico a que seja chamado melhor que não cogite de ser médium. Sobre isto, o Mestre é claro quando afirma que não testemunhará, perante o Pai, em favor de quem não testemunhar diante dos homens.

Nós, os desencarnados convocados à tarefa do intercâmbio espiritual, somos gratos aos companheiros da mediunidade que, superando obstáculos e limitações que reconhecem possuir, perseveraram na cooperação conosco, dispondo-se a nos estender a mão.

A parábola dos talentos, a que Jesus se referiu, também se aplica aos médiuns que se negam a trabalhar... "Enterrando" o talento da mediunidade que lhes foi concedida, estão igualmente sepultando a oportunidade da própria redenção.

Há quem questione os Espíritos Amigos acerca da razão de não procurarem eles o concurso mediúnico dos homens de ciência... Mas como obter sintonia, com quem sequer admite a possibilidade da sobrevivência da alma?! A violência não consta das Leis de Deus.

Quanto maior a disposição do médium em cooperar conscientemente conosco, maior a nossa capacidade de atuação, porque não nos é possível trabalhar com médium inconsciente por um tempo muito longo, de vez que não temos o direito de nos "apossar" da mente e da vida de quem quer que seja, para colocá-lo integralmente a nosso serviço.

Mesmo o médium que mais se doa a nós outros, os desencarnados, tem o direito de viver a vida que lhe pertence e não podemos anulá-lo em seus anseios e aspirações pessoais.

Se a Lei de Deus permitisse, espíritos existem que outra coisa não fariam, no Além, que manter contato com os homens... Ora, por que não o fizeram enquanto estavam a caminho?!...

Lidando com a mediunidade, meditemos na responsabilidade que abraçamos e procuremos agir sempre com o bom-senso necessário.

A mediunidade em si não possui regras rígidas em que se apoie, mas a sua utilização está diretamente relacionada com determinados preceitos de moral, aos quais médium algum se furtará, se efetivamente deseja tê-la como instrumento de aperfeiçoamento espiritual.

23) MÉDIUM PASSISTA

"O espírito atuante é o do magnetizador, o mais comumente assistido por um espírito estranho; ele opera uma transmutação com a ajuda do fluido magnético, que, como se disse, é a substância que mais se aproxima da matéria cósmica, ou elemento universal. Se pode operar uma modificação nas propriedades da água, pode igualmente produzir um fenómeno análogo sobre os fluidos do organismo, e daí o efeito curativo da ação magnética convenientemente dirigida". (Cap. VIII, Segunda Parte, Item 131)

A mediunidade passista é o caminho por onde todo médium deve iniciar o seu desenvolvimento. Ela é a mediunidade que asserena as forças do sensitivo, quando eclodem, concedendo-lhe o tempo necessário para reajustar-se psiquicamente, antes que defina-se o seu campo de ação mediúnica propriamente dito.

A mediunidade passista, diríamos, é o estágio indispensável ao médium principiante, porque, a pouco e pouco, vai ensinando-lhe, na prática, o "daí de graça o que de graça recebestes".

O médium que nunca dispôs-se a transmitir passes é um médium um tanto elitizado.

Somos de parecer que todo médium deve "começar pelo começo", ou seja, doando de si mesmo na transmissão de passes.

A cabine de passes deve anteceder a sala mediúnica da desobsessão.

Isto não significa que a passista seja uma mediunidade menor. Das mais nobres manifestações psíquicas, a mediunidade curadora foi aquela que Jesus sublimou no gesto da imposição das mãos sobre os enfermos de todas as procedências que o procuravam, rogando alívio para as suas dores.

Quando o médium em desequilíbrio dá início à sua trajetória, cooperando no socorro aos doentes que acorrem à casa espírita, os Espíritos Amigos auxiliam no reajuste de seus centros de força, afastando paulatinamente a presença dos espíritos que o vampirizam.

Qualquer médium, antigo ou principiante, seja qual for o gênero de mediunidade que apresente, deve engajar-se, pelo menos uma vez por semana, numa tarefa de transmissão de passes.

Comumente, muitos médiuns fogem daquelas atividades que não lhes dão oportunidade de se destacar individualmente... E ainda a luta contra a vaidade pessoal.

A mediunidade passista é aquela que coloca o médium ao nível dos demais, testando-lhe a paciência, o ideal e, sobretudo, a solidez de suas convicções.

Nem os mais estudiosos seriam capazes de saber dos verdadeiros prodígios ocultos efetuados pela mediunidade curadora.

A primeira pessoa que a mediunidade curadora cura é o médium curador.

Quando impõe as mãos sobre alguém e ora, pedindo a intercessão do Mais Alto, o médium passista transforma-se num dínamo cujas próprias energias se renovam.

Dos múltiplos benefícios da mediunidade passista ou curadora ao médium, não podemos nos esquecer da lição da disciplina, porque dificilmente o médium que não for responsável na simples tarefa do passe o será

em outra atividade mediúnica. Por isto, a cabine de passes para o dirigente espírita será um valioso laboratório de observações acerca dos reais interesses do candidato ao desenvolvimento mediúnico.

A mediunidade passista é, ainda, a força mantenedora do equilíbrio e da paz de quantos médiuns se sintam, por este ou aquele motivo, impedidos de abraçar uma mediunidade mais ostensiva, que lhes exija compromissos mais regulares.

Todos os homens são médiuns passistas em potencial e, a não ser que estejam gravemente enfermos ou perturbados, todos, sem exceção, podem ceder de suas energias físiopsíquicas aos outros.

Nenhum médium carece efetuar cursos para transmitir o passe. É claro que algumas orientações básicas são necessárias, mas essencialmente basta a vontade de doar-se. Nenhum expediente será necessário, além daquele da "imposição das mãos", sem, no entanto, que haja necessidade do toque direto, salvo exceções que o bom-senso ditará.

Respeitando quem pense diferente, somos também de opinião que o médium passista, ao término dos passes que transmite, deve sentar-se para receber o passe de outro companheiro, na necessária permuta de energias, onde os Espíritos Amigos poderão contrabalançar as forças despendidas. Semelhante providência no mínimo evitará que o mediano seja vítima de qualquer ilusão a respeito de si mesmo.

Creemos que o chamado "autopasse" será completamente dispensável, porque praticamente inexistente. Entendemos por "autopasse" apenas uma oração rogando as bênçãos do Mundo Superior. Nada além disto.

O passe espírita genuíno envolve o irmão receptor, o médium transmissor e o espírito operador do fenômeno.

Quanto mais simples, maior a eficácia do passe. Toda e qualquer inovação em torno de sua prática não passa de um complicador que convém afastar.

24) SEGURANÇA MEDIÚNICA

"... é útil que os médiuns não se entreguem às evocações detalhadas, senão depois de estarem seguros do desenvolvimento de sua faculdade, e da natureza dos espíritos que os assistem, porque entre aqueles que estão mal rodeados, as evocações não podem ter nenhum caráter de autenticidade". (Cap. XXV, Segunda Parte, Item 272)

É lógico que, somente com a experiência, os médiuns poderão adquirir o que denominamos "segurança mediúnica".

A experiência é intransferível e insubstituível, principalmente em se tratando de mediunidade.

A mediunidade possui patamares que não podem ser alcançados de improviso.

Todo médium há de obedecer ao espírito de sequência, em seu desenvolvimento mediúnico, se efetivamente deseja fazer as coisas de maneira correta.

Antes de lançar-se a qualquer atividade mediúnica de caráter público, o médium carece estagiar no anonimato por um período mais ou menos longo, fortalecendo-se espiritualmente.

As chamadas "mensagens familiares de além-túmulo" exigem do médium muita segurança para a sua obtenção. Infelizmente, muitos medianeiros, conduzidos pela vaidade, precipitam os acontecimentos e acabam por comprometer-se.

Em qualquer tarefa mediúnica, a constância é fundamental, inclusive no que se refere à sua credibilidade.

Médiuns inconstantes são os principais fatores de cepticismo, para si e para os outros.

O médium seguro de suas faculdades é humilde e sereno. Em momento algum se julga auto-suficiente para a obtenção do fenómeno, porque sabe que a espontânea participação dos espíritos é indispensável à sua autenticidade.

Enganam-se quantos imaginam que o médium possa atrair a presença dos espíritos, se estes não podem ou não desejam manifestar-se. Se pretendesse agir assim, o médium estaria sendo fraudulento.

Como enxameiam em toda parte, existem espíritos dispostos a mistificar, substituindo-se àqueles com os quais se deseja intercambiar. Estes, efetivamente poderão comunicar-se a qualquer hora, através de qualquer médium.

O cirurgião inexperiente não efetua cirurgias de grande risco. Apenas com o tempo ele adquirirá a necessária confiança.

Os médiuns que inspiram confiança, mesmo a nós, os desencarnados, são aqueles que, haja o que houver, estão perseverando no cumprimento do dever.

Outro fator que confere ao médium segurança mediúnica, é o seu completo desinteresse pessoal no exercício da mediunidade. O medianeiro que nada aspira além de servir à causa que abraçou, mesmo seus possíveis equívocos mediúnicos, na recepção desta ou daquela mensagem, são naturalmente desconsiderados. E curiosa esta observação que registramos.

Quando imbuído do verdadeiro propósito de ser útil aos semelhantes, as limitações do médium são compreendidas e postas de lado pelos que o procuram. E as pessoas pressentem e sabem quando o médium está sendo sincero em suas intenções.

Falando em segurança mediúnica, não poderíamos deixar de citar, uma vez mais, o significado do estudo doutrinário para o medianeiro. Todo médium deveria ler pelo menos uma página por dia das obras de Kardec, a fim de formar a sua consciência doutrinária.

Infelizmente, muitos médiuns não possuem consciência doutrinária!... São médiuns, mas falta-lhes um norte seguro; são médiuns, dizem-se espíritas, mas estão em sintonia com espíritos que pertencem a outras faixas do Espiritualismo, promovendo desaconselhável "mistura" no exercício de suas faculdades paranormais.

A segurança mediúnica, portanto, somente se completa com a consciência doutrinária. Essa aludida consciência doutrinária há de ter o Evangelho por alma, pois, caso contrário, teremos médiuns informados teoricamente, mas sem formação espiritual na prática do "amai-vos uns aos outros".

Nenhum médium, por maior a experiência que possua, poderá se descuidar da vigilância, antes, durante e depois do intercâmbio com os habitantes do Invisível.

Quando está muito senhor de si, os Espíritos Amigos podem deixar o médium, temporariamente, à mercê de espíritos infelizes, para que o personalismo não comece a parasitar suas faculdades psíquicas, prejudicando a qualidade do intercâmbio.

Como é fácil de constatar, o exercício da mediunidade requer cuidados constantes, porque, devido ao nosso atraso espiritual, são inúmeras as pedras-de-tropeço ao longo do caminho.

O médium que encara suas faculdades media-nímicas como oportunidade de aprendizado há de efetuar consideráveis progressos na encarnação, avançando passadas largas e firmes na direção do porvir.

25) SINTONIA DESCONTÍNUA

"Todos os médiuns são incontestavelmente chamados a servirá causado Espiritismo, na medida da sua faculdade, mas há bem poucos deles que não se deixam prender na armadilha do amor-próprio..." (Cap. XXXI, Segunda Parte, Item XV)

Em nossas considerações sobre a mediunidade, não poderíamos deixar de mencionar este verdadeiro entrave no intercâmbio entre os dois planos da Vida; a sintonia descontínua.

Diríamos que quase todos os médiuns padecem desse verdadeiro mal da mediunidade, de vez que são raríssimos os que conseguem, com os espíritos comunicantes, uma sintonia uniforme e homogênea.

O que seria a sintonia descontínua?

No processo da mediunidade, mais propriamente na hora da recepção da mensagem, não raro o pensamento do médium perde a sintonia com o espírito que se manifesta, de modo que o seu pensamento dificilmente consegue expressar-se linearmente.

E isto quase sempre acontece várias vezes, na recepção de uma simples página psicografada ou na transmissão de uma mensagem verbal.

O problema da sintonia descontínua pode transformar o pensamento do espírito comunicante numa "colcha de retalhos" de ideias, como se ele tivesse sido literalmente fracionado ao externar-se.

E claro que a sintonia descontínua ainda é fruto de desenvolvimento mediúnico deficitário, onde o medianeiro não consegue entregar-se totalmente na hora do transe.

Figurativamente, imaginemos um disco arranhado que, para tocar, necessitasse que alguém impulsionasse o braço da vitrola com movimentos manuais... Teríamos a impressão de que o cantor estaria cantando por etapas e até mesmo "engolindo" alguns trechos da canção. Eis um singelo exemplo de sintonia descontínua.

Quando os médiuns "sentem" que perderam a sintonia com os espíritos comunicantes, é comum que se aflijam, à feição de radares que perderam contato com a aeronave... Desnorteados, tentam rastrear mentalmente os "sinais" dos espíritos... Tudo se passa em fração de segundo. Quando conseguem retomar a sintonia, eles próprios têm a impressão de que parte do pensamento que interpretavam se perdeu.

Como sanar semelhante dificuldade?

O médium necessita confiar mais em si e nos espíritos, entregando-se ao transe sem tanta resistência e temor.

Por muito tempo ainda, a sintonia descontínua será um obstáculo ao livre intercâmbio entre os homens encarnados e desencarnados.

Em alguns médiuns, a sintonia revela-se tão fracionada, que nada conseguimos transmitir, além de algumas poucas palavras. E é comum que um comunicado, escrito ou verbal, seja - digamos - "completado" pelo médium, com os seus próprios recursos intelectuais. A ideia central do comunicado originariamente pertenceria ao seu autor espiritual, mas o médium é que lhe daria "enchimento"... Não sei se conseguimos nos fazer entender, porque neste exato momento nós e o médium de que nos servimos estamos tendo um problema de "sintonia descontínua", que agora, inclusive, está nos sendo útil para que melhor possamos descrevê-lo.

Gostaríamos também de esclarecer que a questão da sintonia descontínua não é unilateral. O médium não pode ser responsabilizado sozinho por ela, porque os espíritos manifestantes igualmente sofrem desse hiato do pensamento.

Vejamos como se limita o intercâmbio, porque quando não é o médium que está com problema de sintonia descontínua, pode ser o espírito que o esteja.

Mas ao invés de desanimar-nos, no tentame da comunicação mediúnica, semelhante entrave deve nos incentivar a superá-lo, recordando a coragem dos pioneiros da navegação marítima que, singrando águas desconhecidas, não se intimidavam na descoberta de novos continentes.

Os médiuns e os espíritos atualmente em ação no mundo podem ser considerados autênticos desbravadores de terras inexploradas, em que pese ao intercâmbio mediúnico sempre ter existido.

Chamados a servir à causa do Espiritismo, façamo-lo, pois, conscientes de nossas limitações, convictos de que tudo deve seguir o curso natural das coisas.

Quem dá de si o melhor do melhor não tem o que recear.

Continuemos trabalhando, e chegará o tempo em que, continuamente vinculados ao bem, a sintonia descontínua na mediunidade desaparecerá.

Aceitemos com humildade as críticas que nos sejam feitas, compreendendo, entretanto, que quantos nos criticam a intenção de cooperar permanecem ignorando as mazelas pessoais que serão chamados a vencer.

Companheiros existem, aos milhares, que sequer logram a desejável sintonia na simples oração do "Pai Nosso".

Espíritos e médiuns, esforcemo-nos, parte aparte, e o êxito nos abençoará!

26) A MISSÃO DA MEDIUNIDADE

"Deixai de lado as questões de ciência: a missão dos Espíritos não é de resolvê-las, poupando-vos ao trabalho de pesquisa, mas a de procurar tornar-vos melhores, porque será assim que avançareis realmente". (Cap. XXXI, Segunda Parte, Item XVII)

A missão da mediunidade está basicamente relacionada com o trabalho de espiritualização dos homens na Terra.

Embora objeto de estudos experimentais no que tange à sobrevivência da alma, a tarefa precípua da mediunidade é conscientizar o homem em torno da transitoriedade da vida física, esclarecendo-o acerca de sua responsabilidade na edificação moral de si mesmo.

Portanto ninguém espere da mediunidade o que não está ao seu alcance; ninguém lhe cobre o que não é devido...

A mediunidade não veio poupar o homem do suor que ele deve verter na senda do progresso.

Revelações que colidem com o esquema das Leis Naturais não fazem parte do campo de atuação da mediunidade bem direcionada.

E evidente que espíritos existem que se prestam a tudo... Pseudo-sábios, veiculam informações equivocadas como se dominassem todos os ramos do saber. É imprescindível que os médiuns se acautelem, mormente os que desejam notoriedade.

O máximo que os Espíritos Superiores podem fazer é inspirar o homem no trabalho de pesquisa; para tanto, eles inspiram diretamente os cientistas, sem que necessitem valer-se de um instrumento alheio ao estudo em perspectiva.

Médiuns que surgem propondo-se a desvendar crimes, encontrar pessoas desaparecidas, solucionar, enfim, problemas inextrincáveis são médiuns aproveitadores, desviados de sua função e, quase sempre, cairão no ridículo.

Esses médiuns prevalecem-se do nome da Doutrina, mas não são espíritas, porque atuam por conta própria, sem estarem vinculados a uma tarefa que lhes dê suporte espiritual.

A rigor, nem mesmo as chamadas "cirurgias mediúnicas" constituiriam o campo de atuação da mediunidade; essa concessão do Mundo Espiritual tem acontecido nos tempos atuais, face ao imenso avanço do materialismo. As verdadeiras "cirurgias mediúnicas" não carecem de instrumentos de corte; basta que haja imposição das mãos do médium, na doação dos fluidos ectoplásmicos, para que os Espíritos Benfeitores possam agir, com a permissão de Deus.

Refletindo sobre a missão da mediunidade, não poderíamos ainda deixar de recorrer às sábias anotações de Paulo, que tinha grande domínio do assunto, em sua Primeira Epístola aos Coríntios, cap. 14, v. 22:

"De sorte que as línguas constituem um sinal, não para os crentes, mas para os incrédulos; mas a profecia não é para os incrédulos e, sim, para os que crêem". (grifo é nosso)

Extraordinárias palavras! A profecia, ou seja, a mediunidade que instrui, orienta e consola, não é dada para convencer os incrédulos, mas para maior edificação dos que já crêem.

Quem possui a fé raciocinada dispensa os olhos para crer!

Que "sinal" os espíritas desejariam da Verdade, além da excelência dos postulados espíritas na lógica insofismável da Doutrina?!

Referindo-se à xenoglossia, ou mediunidade poliglota, Paulo afirma que semelhante fenômeno seria importante para os incrédulos e não para os crentes... De fato, os cépticos às vezes carecem ser confundidos pelo inusitado. Jesus não deixou de efetuar curas, para que os doutores da lei se desnortassem em seus preconceitos, mas a preocupação central do Mestre era com a pregação da Boa-Nova.

Que os medianeiros se sintam isentos de fornecer provas, que a Ciência deve procurar por si mesma e que os homens devem adquirir à custa das próprias reflexões.

Que os médiuns, naturalmente, perseverem lavrando no campo da mediunidade; as flores que aí vierem desabrochar, será pela Vontade de Deus.

Não se poderia dizer se Jesus foi condenado à morte, por ter ressuscitado Lázaro ou por ter ensinado o perdão das ofensas!

O que toca o mundo moral das pessoas é mais importante do que o que lhes toca os sentidos.

As páginas espirituais que fluem através da mediunidade, concitando os homens à renovação íntima, têm a missão de, insistentemente, incomodaras consciências cristalizadas no erro.

Até hoje, o maior desafio para o espírito encarnado não é o de acreditar que a vida continua depois da morte do corpo, mas, sim, o de viver no mundo com senso de eternidade!

A mediunidade não pode desviar-se de sua missão para atender as exigências dos cépticos que, cedo ou tarde, serão convidados à introspecção pelo sofrimento.

Que os médiuns não se extraviem em seus caminhos, enveredando pelos perigosos atalhos do personalismo.

Os apelos do mundo à projeção pessoal são numerosos e variados... Mas o medianeiro que, humildemente, porfiar na execução do dever que lhe compete, haverá de cumprir com fidelidade o seu ministério mediúnico, habilitando-se, no futuro, a mais altas responsabilidades.

27) RIVALIDADES

"... aqueles que estão imbuídos dos verdadeiros princípios desta Doutrina vêem irmãos em todos os espíritas e não rivais". (Cap. XXXI, Segunda Parte, Item 22)

A rivalidade entre os adeptos do Espiritismo é um dos principais fatores de enfraquecimento de suas atividades doutrinárias.

Espíritas rivais entre si são, no mínimo, contraditórios.

Grupos espíritas que se rivalizam estão contrariando os interesses da Doutrina.

Onde não existir união os Espíritos Superiores não estarão presentes.

A vaidade é uma erva daninha que, sutilmente, se alastra onde o trigo do desinteresse não é cultivado.

A pretexto de estar com a razão, ninguém tem o direito de ofender o outro, porque a razão está sempre com quem se mostra disposto a compreender e a superar as desavenças.

Médium algum deve invejar a tarefa mediúnica de um companheiro de ideal, desvalorizando ele mesmo o trabalho que lhe compete.

Quando a inveja se instala no coração de alguém, é sinal de que esse alguém ainda possui muitas limitações.

Os espíritos infelizes que tramam prejudicar a Doutrina concentram os seus ataques sobre os medianeiros invigilantes, porque o médium invigilante é sempre uma porta escancarada à desestruturação do grupo.

O médium há de ser discreto, falar pouco, servir mais, dar o exemplo de renúncia e amor à Causa.

O campo da Doutrina é imenso; há espaço para todos os que desejam espalhar a boa semente.

A Humanidade encontra-se faminta do pão espiritual!...

O objetivo dos espíritos perturbadores é o de distrair os espíritas no cumprimento do dever; enquanto discutem por querelas, a tarefa se atrasa em suas mãos...

De que vale ao médium engajar-se na luta pela transformação moral do homem, se ele não cogita de modificar-se primeiro?!

Por muito faça no bem dos semelhantes, se não se preocupar em renovar-se à luz do Evangelho, o medianeiro não estará fazendo o essencial.

Os Espíritos Benfeitores se compadecem de quantos se entregam ao serviço exterior da construção do Reino de Deus, adiando indefinidamente o serviço interior da sublime edificação.

Por mais numerosos sejam os grupos espíritas, todos devem procurar a unidade no Evangelho Redivivo.

Os médiuns carecem ser mais fraternos uns com os outros, não olvidando que até mesmo os profissionais do mundo, que trabalham quase sempre movidos por interesses imediatistas, respeitam determinada ética.

Fénelon, no texto que nos serve de reflexão neste capítulo, ainda afirma: "O verdadeiro Espiritismo tem por divisa benevolência e caridade, exclui toda outra rivalidade que não seja a do bem que se pode fazer..."

O grupo mediúnico que não tiver união fatalmente fracassará. E para que haja verdadeira união é imprescindível a permuta de vibrações amigas e pensamentos de fraternidade.

Quando surgir algum problema que ameace a estabilidade do grupo, que os seus componentes conversem às claras entre si, ao invés de ficarem fomentando anónimos comentários.

O dirigente de um grupo espírita necessita sopesar a sua responsabilidade e não deixar envolver-se pela trama das Trevas...

Notemos que Jesus, responsável pelos companheiros chamados ao apostolado do Evangelho, sempre os manteve unidos, embora as muitas divergências a que se entregavam.

Em Marcos, cap. 3, vv. 24 e 25, encontramos a inolvidável lição do Mestre: "Se um reino estiver dividido contra si mesmo, tal reino não poderá subsistir; Se uma casa estiver dividida contra si mesma, tal casa não poderá subsistir".

Não há nada que justifique a desunião dos companheiros espíritas, como, aos nossos olhos de cristãos modernos, nada justificaria a desunião dos amigos da primeira hora do Evangelho no mundo.

Irmanemo-nos, pois, no ideal que nos irmana e sigamos adiante, convictos de que ainda estamos muito distantes da definitiva vitória de nossos postulados doutrinários na revivescência do Cristianismo!

28) OUTRAS CONSIDERAÇÕES

"... todo médium e todo grupo que se crêem privilegiados por comunicações que só eles podem receber, e que, de outra parte, estão submetidos a práticas que tocam a superstição, estão, indubitavelmente, sob a influência de uma das obsessões mais bem caracterizadas, sobretudo quando o espírito dominador se enfeita de um nome que todos, espíritos e encarnados, devemos honrar e respeitar, e não deixar comprometer a cada passo". (Cap. XXXI, Segunda Parte, Item XXVII)

Em mediunidade, não existe qualquer tipo de privilégio a este ou àquele médium, a este ou àquele grupo.

O médium ou o grupo mediúnico que imaginar estar sendo privilegiado pela Espiritualidade está, na palavra de Kardec, "sob a influência de uma das obsessões mais bem caracterizadas..."

O objetivo da mediunidade deve ser o de conduzir as pessoas ao conhecimento da Doutrina Espírita.

Por mais eficiente, mediunidade alguma é superior ou deve ser colocada num plano superior ao conhecimento dos postulados espíritas. Dizemos assim, porque há grupos que existem e sobrevivem em função da mediunidade desse ou daquele companheiro.

Os próprios médiuns necessitam reconhecer a sua condição de intermediários, para que as pessoas tomem contato com o Espiritismo como filosofia e não apenas como possibilidade de intercâmbio com os desencarnados.

Numa casa espírita bem orientada, a reunião mediúnica não deve ter prioridade sobre a reunião de estudos e o médium não deve receber qualquer tratamento diferenciado dos demais cooperadores da instituição.

Conhecemos médiuns que começaram as suas atividades em instituições espíritas singelas, mas, crescendo o trabalho, a convite, deixaram essas instituições por outras mais bem equipadas... Esse tipo de procedimento é um erro, porque, não raro, os espíritos encontram num grupo as condições ideais de trabalho que não encontram no outro, em que pese às suas instalações mais amplas e confortáveis ou o assessoramento intelectual dos confrades que formularam o convite.

Queremos deixar claro que, ao longo dos capítulos que constituem este livro, a nossa intenção é apenas a de auxiliar os medianeiros novatos com as experiências que adquirimos no Além-Túmulo; evidentemente, dentro do espírito de liberdade que impera em nossa Doutrina, cada qual agirá de acordo com o seu livre-arbítrio, não esquecendo, todavia, que todos arcarão individualmente com as consequências de suas decisões.

Quando um trabalho mediúnico promissor tem início, os espíritos infelizes movimentam-se de todas as maneiras a fim de destruí-lo; para tanto, utilizam os próprios componentes do grupo como instrumento quando nele não fazem infiltrar alguém que, demonstrando boa vontade a princípio, transforma-se depois em gigantesca pedra-de-tropeço...

O grupo espírita necessita de muita prudência e discernimento, para não fugir à simplicidade. Às vezes, através da ideia de oferecer maior conforto material aos frequentadores do grupo é que a "coisa" começa...

Vejamos como o assunto é complexo e a vigilância se faz imprescindível.

Não nos esqueçamos de que o médium é um homem e que, pela sua própria condição humana, é cheio de mazelas como qualquer outro.

O grupo mediúnico que trabalha com a ideia de sobressair entre os demais, está, por somente este seu pensamento, solapando pela base os seus alicerces.

Todos os grupos espíritas necessitam funcionar em harmonia, como peças igualmente importantes de uma engrenagem mais importante, que é a Doutrina.

Que cada médium, portanto, busque trabalhar e produzir no grupo em que se desenvolveu, assim como a árvore que produz no solo em que nasceu.

Se um grupo espírita tem problemas, isto não é motivo para que o médium o abandone, desprezando os companheiros que, então, revelam-se mais necessitados de auxílio.

Quem identifica uma dificuldade é o primeiro a ser chamado a fim de saná-la.

Atentemos, ainda, para o fato de, quase sempre, o médium que se queixa do grupo ser, ele próprio, o ponto nevrálgico no bom relacionamento entre os seus componentes.

Conforme dissemos alhures, o médium precisa cumprir seu dever em clima de silêncio, procurando, o máximo possível, não envolver-se em conversas inúteis. Se chamado a opinar, a sua palavra deve ser conciliadora, sem tomar o partido de quem quer que seja, porque, depois de deixar enredar-se na "fofoca", o médium não conseguirá safar-se dela, sem muitos "arranhões" em seu "espelho mental", que haverão de interferir negativamente em suas atividades.

29) MUITO A FAZER

"Os médiuns, seguramente, são elementos essenciais das reuniões espíritas, mas não são o elemento indispensável, e haveria erro em crer que, com a sua falta, nela nada haveria a fazer". (Cap. XXIX, Segunda Parte, Item 347)

Conforme "O Livro dos Médiuns" nos esclarece, os médiuns não são o elemento indispensável das reuniões espíritas.

Não é imprescindível que o centro espírita conte com o concurso diferenciado deste ou daquele médium, para funcionar.

E evidente que a presença de um ou mais medianeiro equilibrado em determinado grupo é de grande valia, mas em suas tarefas doutrinárias o médium não deve ser considerado elemento indispensável, mesmo porque a Doutrina não depende exclusivamente dos homens, para caminhar.

Existem grupos que, preocupados com a falta de médiuns em suas fileiras, chegam a aliciar médiuns de outros grupos espíritas, fazendo-lhes, inclusive, melhores "propostas" de trabalho. Isto é ignorar completamente o Espiritismo!

A rigor, não existe nenhum centro espírita sem médium. Por mais simples e humildes que sejam, os médiuns carecem ser valorizados pelos grupos aos quais pertencam.

A presença de um médium passista em uma equipe de atividades doutrinárias é uma bênção... Não há necessidade que o centro conte com um médium psicógrafo, com um médium de efeitos físicos ou com um médium operador, para que as suas tarefas sejam consideradas relevantes.

A Espiritualidade sempre valoriza a boa intenção dos companheiros e não a sua condição mediúnica, de vez que existem médiuns que não se mostram dispostos a cooperar; e muitos, ao contrário, acabam criando empecilhos à atuação dos Espíritos Benfeitores...

A presença de um médium diferenciado em determinado grupo pode ser uma bênção, mas também pode ser um problema, porque, não raro, em torno dele surgem os mais delicados embaraços.

Quando nos referimos a "médium diferenciado", queremos que os nossos confrades entendam que ele não é diferenciado para nós, os desencarnados; utilizamos esta expressão apenas para abordar um tema que, de certa forma, preocupa a cabeça de muitos dirigentes espíritas, que desejam ver os seus centros bem frequentados.

Se uma reunião espírita não conta com um médium que se destaque pelas suas faculdades, isto de forma alguma significa que ela seja limitada. Aí é que o campo de trabalho é imenso e sobra tarefa para todos os que queiram colaborar.

Tanto quanto possível, as atividades doutrinárias de um grupo não devem depender deste ou daquele companheiro da mediunidade. Existem grupos que, assim estruturados, se dissolveram, pela desencarnação ou mesmo pelo afastamento do médium.

Antes de cogitar da formação de um grupo mediúnico específico, a casa espírita necessita organizar tarefas mais urgentes, tais como a Evangelização da Criança, o Pré-Mocidade, a Mocidade, as Reuniões de Estudo, o Serviço Assistencial em suas variadas modalidades, o trabalho de Passes...

Toda casa espírita deve, ainda, contar com uma equipe de apoio espiritual aos doentes, que se disponha a assisti-los nos hospitais ou, então, quando necessário, em suas casas; com companheiros que se disponham a orientar na criação do Culto do Evangelho no Lar, que se preocupem com a Divulgação da Mensagem Espírita, através de livros, panfletos e bibliotecas que realmente funcionem...

Enfim, num centro espírita "sem médium" há muito o que se fazer... As vezes, determinado médium num grupo, quando esse médium não procura descentralizar o serviço, costuma impedir os companheiros de deslanchar, cerceando-lhes a liberdade de ação e absorvendo todos os espaços.

O médium bem orientado deve lutar contra a tendência do grupo em idolatrá-lo e preocupar-se em apoiar os companheiros nos quais se apoia, auxiliando a promovê-los no trabalho compartilhado.

Enganam-se, portanto, os centros espíritas que se julgam "pouco desenvolvidos", porque não contem com a presença de um médium "mais desenvolvido"... Isto é uma visão estreita da mediunidade e suas nuances!

A mediunidade com Jesus pode ser exercida de infinitos modos.

Mais importante que um médium que cirurgia corpos percíveis é a Doutrina, que opera a renovação das almas!

Mais significativo que um médium que receba mensagens do Além é o que busca difundi-las pelo exemplo nobilitante.

Mais eficaz que um médium que ceda fluidos para a materialização de espíritos é o que plasma as ideias de imortalidades com o suor do próprio rosto.

30) AUTOCRÍTICA

"... um médium pode não ter conhecimentos necessários para compreender os erros; pode se deixar enganar por belas palavras e uma linguagem pretensiosa, ser seduzido por sofismas, e isso com a maior boa-fé do mundo; por esta razão, na falta de suas próprias luzes, deve modestamente recorrer às dos outros, segundo estes dois adágios de que quatro olhos vêem melhor do que dois, e que não se é jamais bom juiz em causa própria". (Cap. XXIX, Segunda Parte, Item 329)

Paralelamente ao desenvolvimento da mediunidade, o médium deve esforçar-se para desenvolver a autocrítica...

Desenvolver e mantê-la ao longo das atividades medianímicas.

Conhecer suas limitações e conscientizar-se acerca de suas possibilidades.

Preservar a lucidez na tarefa, para que a vaidade não lhe crie ilusões.

Conquistar o indispensável discernimento com que se norteie no caminho.

O médium sem autocrítica expõe-se, com facilidade, ao ridículo.

Ao contrário, exercitando-se no sincero conhecimento de si mesmo, o médium capitula diante dos próprios equívocos, preservando-se do desequilíbrio.

No entanto, a autocrítica não deve ser severa ao ponto de anulá-lo em sua real capacidade de servir.

Tudo em excesso, mesmo a autocrítica, é contra-producente.

Aliás, uma das táticas que os espíritos obsessores igualmente utilizam para impedir o médium de trabalhar é fazê-lo acreditar-se incapaz.

Se existem médiuns que caem por entusiasmo desmedido, existem aqueles que tropeçam por se conterem em demasia.

Vejamos como o estudo e o trabalho metódicos são importantes no campo da mediunidade.

Em mediunidade, o médium nunca deve precipitar-se no que se refere aos resultados, mas também não deve ser tão displicente que não se interesse por eles.

Em tudo, é necessário procurar-se o ponto de equilíbrio.

Como acontece às árvores frutíferas, a mediunidade possui as suas fases mais produtivas... É importante que o médium saiba disto, para não entregar-se ao desânimo nos períodos em que a produção mediúnica se lhe torne mais difícil.

A autocrítica do médium fará com que ele exija cada vez mais de si e dos espíritos que dele se utilizam; sim, porque os espíritos também carecem aperfeiçoar-se na tarefa do intercâmbio.

Não foi por outro motivo que Allan Kardec recomendou que todo comunicado de além-túmulo fosse submetido ao crivo da razão.

Não é incomum que os espíritos, após, por exemplo, terem grafado determinado texto, solicitem do médium a possibilidade de revisá-lo, alterando ideias que, com o passar do tempo, eles próprios modificaram na Vida Maior.

Muitos não aceitam como autênticas as comunicações de certos espíritos, dizendo que os pensamentos neles exarados não lhes pertencem... Ora, isto é negar ao espírito a chance de se renovar através da autocrítica, que ele pode perfeitamente ter desenvolvido no além-túmulo, sob o incentivo do arrependimento.

O médium que realmente deseje servir à causa da Terceira Revelação necessita prevenir-se contra o melindre, aprendendo a extrair das críticas que receba o que elas contenham de útil ao seu progresso, mesmo quando essas críticas partam de companheiros que não conseguem disfarçar a inveja e o despeito.

Médium sem autocrítica é médium à mercê das "forças espirituais" que tramam a sua queda.

O servidor da mediunidade necessita, portanto, sempre contar com amigos mais experientes, com os quais possa dialogar em clima de confiança mútua; esses amigos aos quais nos referimos devem estar isentos de qualquer sentimento inferior que, ao invés de auxiliar, acabe prejudicando o médium em suas boas intenções.

Autocrítica, discernimento, sinceridade, boa intenção, desinteresse pessoal, disciplina, perseverança e idealismo - eis alguns dos requisitos básicos para o médium que aspire à mediunidade com Jesus nas bênçãos da Doutrina Espírita. E lógico que todos estes requisitos são interdependentes, mas todos eles revelam a sua absoluta dependência de um outro requisito que, propositalmente, citamos à parte: *estudo!*

O médium sem estudo é apenas instrumento, ao passo que o médium esclarecido é coadjuvante dos Espíritos no complexo mecanismo do intercâmbio espiritual.

Quem deseje, pois, dar início ao desenvolvimento de suas faculdades mediúnicas, comece estudando a Doutrina pelo Pentateuco Kardequiano.

FIM.